

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS *CAMPUS* SOROCABA

RAÍSA CAROLINA CARVALHO DO AMARAL

DIALOGANDO COM INTELLECTUAIS NEGRAS NAS RELAÇÕES RACIAIS:  
MEMÓRIAS, NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS.

SOROCABA  
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS *CAMPUS* SOROCABA

RAÍSA CAROLINA CARVALHO DO AMARAL

DIALOGANDO COM INTELLECTUAIS NEGRAS NAS RELAÇÕES RACIAIS:  
MEMÓRIAS, NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas da  
Universidade Federal de São Carlos, campus  
Sorocaba, para a obtenção do título de  
licenciando em Ciências Biológicas.  
Orientação: Prof. Dra. Viviane Melo de  
Mendonça.

SOROCABA  
2019

Amaral, Raísa Carolina Carvalho do

DIALOGANDO COM INTELECTUAIS NEGRAS NAS  
RELAÇÕES RACIAIS: : MEMÓRIAS, NARRATIVAS E  
TRAJETORIAS. / Raísa Carolina Carvalho do Amaral --  
2019.  
92f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,  
campus Sorocaba, Sorocaba  
Orientador (a): Viviane Mello de Mendonça  
Banca Examinadora: Daiana de Moura, Jaqueline Santos  
Bibliografia

1. MULHERES NEGRAS, EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA,  
GENERO, EQUIDADE.. I. Amaral, Raísa Carolina  
Carvalho do. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -  
CRB/8 6979

RAÍSA CAROLINA CARVALHO DO AMARAL

DIALOGANDO COM INTELLECTUAIS NEGRAS NAS RELAÇÕES RACIAIS:  
MEMÓRIAS, NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS.

Relatório final, apresentado a  
Universidade Federal de São Carlos  
campus Sorocaba, como parte das  
exigências para a obtenção do título de  
Licenciatura em Ciências Biológicas.

Sorocaba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de

2019.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Viviane Melo de Mendonça.

---

Prof. Daiana de Moura.

---

Prof. Jaqueline Santos.

Dedico este trabalho especialmente a meu Pai e minha Avó Dona Santa (*in memoriam*) que muito me ensinaram, e são a minha força e inspiração na vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus avós pelos ensinamentos, por serem exemplos de luta e resistência e pelo amor concedido a mim. Agradeço em especial a minha Avó Dona Santa (*in memoriam*), meu maior exemplo de mulher negra intelectual, mulher guerreira, que nos deixou muito cedo, a quem eu morro de saudade e sei que está sentindo um orgulho imenso por esta conquista e onde quer que esteja sei que está comemorando comigo.

Aos meus pais, que me criaram e fizeram de mim essa mulher ser forte, me apoiaram nesta jornada universitária, pelo amor e todo incentivo. Eterna gratidão á meu pai (*in memoriam*), meu exemplo de força e luta e esperança.

Minha irmã Letícia por todo encorajamento e apoio incondicional, por ler meus artigos e me ajudar em todos os momentos.

A todos os meus amigos que ao longo desses anos me acompanharam, em especial a Maria Angélica, Camila e Rivaldo, essa vitória também é de vocês.

A minha parceira de Adeola, Princesa Guerreira Kambo, Denise, aprendemos e aprenderemos muito juntas.

E a minha orientadora maravilhosa Vivi, minha referência de professora e que muito me inspira, só tenho a agradecer pelos ensinamentos, apoio, confiança e acolhimento.

Ceguei à teoria porque estava  
machucada.

bell hooks.

## RESUMO

O Brasil sendo um país escravocrata, onde mulheres negras foram submetidas a violências e tratamentos desigual que permeiam na sociedade até os dias de hoje. Nesse sentido, em busca de meios de sobrevivência e luta contra preconceitos e discriminações raciais, vê-se na educação uma alternativa para a valorização da cultura africana, afro-brasileira e indígena, traçada nas dimensões históricas, sociais e antropológicas da realidade do país, tal como a necessidade de uma reeducação pautada nas memórias e heranças ancestrais. Compreendendo a necessidade das abordagens temáticas de Relações Raciais e Gênero no ambiente escolar, espaços culturais e comunitários com crianças e adolescentes, embasadas em aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, entre outros, a educação se mostra importante no âmbito de uma educação igualitária e na formação crítica desses sujeitos. Com a urgência de aproximar as referências e o protagonismo de mulheres negras, tais como suas potências e intelectualidades, esse trabalho refere-se a narrativa de uma mulher negra enquanto estudante de Ciências Biológicas dialogando com outras intelectuais negras buscando identificar soluções e perspectivas para a mulher negra na sociedade, na educação e na formação acadêmica, tal como suas contribuições na luta antirracista, sexista e de equidade de gênero.

**Palavras chave: mulheres negras, educação antirracista, gênero, equidade.**

## ABSTRACT

Brazil being a slave country, where black women have been subjected to violence and unequal treatment that permeates society to this day. In this sense, in search of means of survival and fight against racial prejudice and discrimination, one sees in education an alternative for the valorization of African, Afro-Brazilian and indigenous culture, drawn in the historical, social and anthropological dimensions of the reality of the country, such as the need for a reeducation based on ancestral memories and inheritance. Understanding the need for thematic approaches to Race Relations and Gender in the school environment, cultural and community spaces with children and adolescents, based on social, political, economic, cultural, among others, education is important in the context of an egalitarian and in the critical formation of these subjects. With the urgency of approaching the references and the protagonism of black women, such as their powers



and intellectualities, this work refers to the narrative of a black woman as a student of Biological Sciences dialoguing with other black intellectuals seeking to identify solutions and perspectives for women black society, education, and education, as well as their contributions to the anti-racist, sexist, and gender equity struggle.

**Keywords: Black women, anti-racist education, gender, equity.**

## SUMARIO:

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. FAMILIA .....</b>	<b>12</b>
<b>3. INFANCIA .....</b>	<b>17</b>
<b>4. ADOLESCENCIA .....</b>	<b>21</b>
<b>5. UNIVERSIDADE .....</b>	<b>23</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>61</b>
<b>REFERENCIAS .....</b>	<b>62</b>
<b>GLOSSARIO .....</b>	<b>65</b>
<b>APENDICES .....</b>	<b>66</b>

## **1 INTRODUÇÃO:**

O Brasil, tratando-se de um país escravocrata, onde por um longo período pessoas sendo essas indígenas e oriundas do continente africano, foram escravizadas desumanamente. Nesse período as mulheres negras além do trabalho escravo, sofriam diversos tipos de violências, entre elas violências sexuais. Podemos explicitar tal desigualdade conforme Hooks (p. 40, 2011):

“Andando para trás para a escravatura, o povo branco estabeleceu uma hierarquia social baseada na raça e no sexo que classificava os homens brancos em primeiro, as mulheres brancas em segundo, algumas vezes iguais aos homens negros, que eram classificados em terceiro e as mulheres negras em último. O que isto significa em termos de política sexual de violação é que se uma mulher branca fosse violada por um homem negro, seria visto como mais importante, mais significativo do que milhares de mulheres negras violadas por um único homem branco.” (HOOKS, 2011, p. 40)

Hoje, após 131 anos de abolição da escravidão no país, a população negra ainda sofre com vestígios deste período, onde as relações de poder e inferiorização sobre os corpos negros causaram feridas jamais cicatrizadas e enraizaram preconceitos que refletem na estrutura social do país até os dias atuais. Nesse sentido, em busca de meios de sobrevivência e luta contra preconceitos e discriminações raciais, vê-se na educação uma alternativa para a valorização da cultura africana, afro-brasileira e indígena, traçada nas dimensões históricas, sociais e antropológicas da realidade do país, tal como a necessidade de uma reeducação pautada nas memórias e heranças ancestrais.

Compreendendo a necessidade das abordagens temáticas de Relações Raciais e Gênero no ambiente escolar, espaços culturais e comunitários com crianças e adolescentes, embasadas em aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, entre outros, a educação se mostra importante no âmbito de uma educação igualitária e na formação crítica desses sujeitos.

A identidade negra, por vezes, é enfraquecida principalmente na infância onde a falta de representatividade se dá pela mídia, pelos brinquedos, pelos príncipes e princesas que seguem padrões de beleza europeus, ferindo a identidade das crianças negras em seu processo de formação. É de extrema importância um olhar mais atento à infância, compreendendo a visão e percepção dos educadores em relação ao racismo e seus

desdobramentos e as concepções acerca do ensino de africanidades e do conceito de infância, e como essa visão vai ao encontro de práticas pedagógicas que contribuem para a construção da subjetividade dos alunos. A partir do levantamento das fragilidades ainda existentes, torna-se necessário a reflexão e o enfrentamento da questão, buscando mudanças positivas nas práticas destes profissionais. Tais fatos reverberam ao longo da vida dessas crianças, nos processos educativos pelos quais ela passa. O racismo na infância, juventude e vida adulta muitas vezes está atrelado a cor da pele e ao cabelo afetando principalmente as meninas negras, onde mais uma vez o recorte de gênero se faz necessário, colocando mais uma vez a mulher negra num patamar de desvalorização.

Com a urgência de aproximar as referências e o protagonismo de mulheres negras, tais como suas potências e intelectualidades, esse trabalho refere-se a narrativa de uma mulher negra enquanto estudante de Ciências Biológicas dialogando com outras intelectuais negras buscando identificar soluções e perspectivas para a mulher negra na sociedade, na educação e na formação acadêmica, tal como suas contribuições na luta antirracista, sexista e de equidade de gênero.

## **2 FAMÍLIA:**

Nasci de uma mãe branca e um pai preto, tenho três irmãos mais velhos que são brancos (14 e 12 anos mais velhos) e uma irmã também mais velha, preta (diferença apenas de 2 anos), meus irmãos me deram dez sobrinhos maravilhosos, dos quais eu participo dos processos educativos, desde a infância até os dias de hoje onde alguns são adolescentes.

Sempre vivemos em Sorocaba, interior de São Paulo, meu pai também nasceu, viveu e morreu nessa cidade, minha mãe veio de Capão Bonito, também interior de São Paulo, na adolescência. Embora seja uma cidade tranquila de interior, Sorocaba sempre se mostrou uma cidade conservadora e por isso, reprodutora de preconceitos e fechada para debates, assim como grande parte das cidades aqui do interior de São Paulo.

Minha mãe, é minha estrela maior, minha leoa, ela é brava, é forte, corajosa, sempre me defendeu com unhas e dentes, me ensinou a lutar e conquistar tudo aquilo que eu desejasse. Ela é minha referência de mulher guerreira que luta e conquista, por ser capaz, ela sempre me mostrou a minha capacidade de conquistar o mundo mesmo que me digam o contrário.

Meu pai, é o responsável pelo meu bom gosto musical, ele é o guardião da nossa história ancestral, ele que cuidava dos nossos cabelos quando crianças, que nos levava no samba, na capoeira, nos terreiros, foi ele quem manteve nossa história viva e ele quem a transmitiu. Meu pai foi um exemplo muito forte de luta e sobrevivência, pois já superou um câncer, problemas no baço (devido ao boxe), infartos, problemas cardíacos, entre outros, ele sempre seguiu firme e forte, em meio a tantos problemas de saúde eu sentia que o que mais o adoecia era o racismo doentio dessa sociedade, meu pai presenciou inúmeros casos de racismo nesses 63 anos de vida, ser preto de pele retinta e honesto, incomoda, mas ser tudo isso e ainda ser inteligente incomoda muito mais, a sociedade não quer pretos pensantes a sociedade quer que o povo preto seja alienado. Meu pai é meu maior exemplo de guerreiro e vencedor, além de seus ensinamentos, é minha inspiração. Eu me pareço muito com ele, pela tranquilidade, pacificidade e inteligência estratégica na hora de resolver ou até mesmo escapar de problemas e conflitos.

Minha avó paterna também é a minha maior referência de mulher preta guerreira, mãe de quinze filhos criou e educou todos eles de uma maneira excepcional, minha vó sempre foi muito elegante, educada, inteligente. Eu me sinto completamente privilegiada

em poder fazer parte dessa família e ainda ser a filha e a neta dessas duas grandes estrelas que hoje brilham lá no céu e iluminam a minha vida, mesmo que distante.

Minha irmã mais velha, Leticia, também é uma pessoa essencial na minha vida, por ser a irmã mais velha ela sempre cuidou de mim, desde criança até os dias de hoje, é a pessoa que me apoia em tudo, que me ajuda muito sempre que pode e até quando não pode ela dá um jeito, ela é muito inteligente e está sempre querendo aprender, nós conversamos muitos e aprendemos muito uma com a outra, além disso ela é mãe das crianças mais lindas desse mundo.

Tendo uma família materna majoritariamente branca, católica e conservadora vinda do interior e uma família paterna toda preta, do samba, do candomblé (atualmente convertidos na igreja evangélica), tendo um tio avô exemplo de luta e resistência travesti na cidade, considero importante fazer esse recorte racial, enquanto me refiro a minha família e a influência dela nos processos educativos e de formação enquanto mulher negra acadêmica. Mesmo com toda a diversidade da minha família, eu sempre tive liberdade para frequentar os espaços em que me sentia bem, desde a catequese na igreja católica a festas nos terreiros.

A minha educação sempre foi baseada no respeito as diferenças e diversidade, pois a minha família é muito diferente e ao mesmo tempo muito igual. Meu pai é do samba, do carnaval, das festas, minha mãe é das viagens, dos almoços e comilanças, ambos se conectaram pelas similaridades, mesmo com famílias extremamente diferentes eles se encontraram e enfrentaram juntos todos os conflitos que um casal inter-racial é submetido.

Durante a minha infância, eu sempre convivi ou com meu pai ou com minha mãe, mesmo sendo casados eles quase não se viam, minha mãe trabalhava a noite e meu pai durante o dia, minha mãe trabalhava aos finais de semana e meu pai não, então durante o dia a gente ficava com minha mãe e a noite com meu pai, depois de muitos anos a gente começou a passar os finais de semana todos juntos. Meu pai cuidava de nós, da limpeza da casa, das roupas, de tudo e minha mãe também, juntos eles nos criaram. Juntos eles nos ensinaram sobre os valores de união, amizade, respeito e honestidade.

As minhas férias inteiras eu passava no sítio dos meus avós maternos, meus pais me levavam, nos dias de folga eles iam para lá (minha mãe é enfermeira e meu pai caminhoneiro, a rotina deles sempre foi muito corrida), voltavam embora e nos buscavam um dia antes da volta as aulas. Além de conviver com meus pais eu também convivi bastante com meus avós maternos, eles também fizeram parte do meu processo educativo,

eu aprendi a importância de se respeitar os mais velhos e seus saberes e a entender que as pessoas mais velhas que eu, têm vivências diferentes da minha e que é importante respeitá-los, independentemente de suas opiniões. Esse contato com o sítio dos meus avós foi responsável pela escolha do curso de Ciências Biológicas, pois eu sempre fui apaixonada pela área de ecologia, fauna e flora silvestre.

Lembrar da minha infância é algo que me traz muita alegria, eu era uma criança feliz, sem grandes preocupações, tinha ao meu lado pessoas boas que além de cuidarem de mim sempre me deram muito amor e isso refletia nas minhas atitudes, sempre fui uma criança muito amorosa.

Embora meu pai tenha sido um grande homem, uma referência de pai e marido, o protagonismo feminino na minha família sempre se destacou de uma maneira muito potente, posso dizer que as mulheres da minha família são a base, são os exemplos de luta, força, resistência e sobrevivência, isso de maneira igual tanto para as mulheres brancas quanto para as mulheres negras, mesmo que suas batalhas diárias sejam diferentes. Essas mulheres nas suas simplicidades, são independentes, batalhadoras e conseguem transmitir isso de geração em geração, sem fundamentos feministas (por simplesmente desconhecem o termo), todas tiveram acesso à escola, algumas a universidade, porém a maioria tem pensamento crítico, questionador, sendo para mim, grandes exemplos de mulheres guerreiras, desde as minhas tataravós, até a minha sobrinha mais velha de dezenove anos, não aceitam migalhas e lutam todos os dias.

Figura 1: A força, resistência e conhecimento da mulher transmitido de geração em geração.



Fonte: Imagem da internet.

Considerarei relevante apresentar a diversidade da minha família e assim descreverlos, pois cada um deles desempenham um papel importante nos processos educativos e de formação desde a infância até a fase adulta. Assim como reconheço os privilégios de ter uma criação com pais, avós e irmãos, visto que baseada na realidade da minha população, a poluição negra brasileira, isso não deve ser considerado um privilégio e sim uma exceção.



Segundo GOMES (p 167, 2003), é necessária uma parceria entre escola e família na formação do sujeito:

Não se concebe um desenvolvimento proporcionado exclusivamente pela educação formal, como também não se entende esse desenvolvimento sendo realizado unicamente pelo grupo familiar. Afinal, juntas, escola e família são responsáveis pela formação do indivíduo. Não se pode valorizar a escola em oposição à educação familiar e vice-versa. Em ambos espaços, o contato com outras crianças de mesma idade, com outros adultos não pertencentes ao grupo familiar, com outros objetos de conhecimento vai possibilitar outros modos de leitura do mundo. Toda essa nova experiência pode ser muito positiva para o desenvolvimento da criança (GOMES, p 167, 2003).

### 3 INFÂNCIA

Buscando memórias da pré-escola e dos espaços educativos que frequentei na vida toda, é perceptível o fato de eu ser sempre a única aluna negra da sala, na maioria das vezes ou era só eu, ou tinha eu e mais um aluno, e me veio a memória momentos em que meninas brancas não queriam dar as mãos pra mim por minha mão ser preta me lembro que era em forma de piada, todas riam e depois seguíamos como se nada tivesse acontecido, éramos crianças, cerca de 5 anos de idade, era algo que me deixava triste por um momento, mas que mesmo triste eu não guardava magoas, não argumentava e também não contava para os meus pais, a professora presenciava esses momentos, mas não me lembro de nenhum tipo de intervenção da professora para essas ações.

Fui mais a fundo memórias da pré-escola em relação a temáticas trabalhadas e também não me lembro de ações que valorizassem diferentes culturas e etnias, a lembrança mais próxima que tenho e que de alguma forma pode ser relacionada a questões de representatividade e protagonismo negro naquela época era o dia do folclore em pintávamos a figura do saci e quando ouvíamos a história do negrinho do pastoreio.

A falta de representatividade negra nos espaços escolares e a falta de valorização da cultura africana e afro-brasileira dificultam a inserção das relações raciais na educação, impossibilitando um bom desempenho e desenvolvimentos das crianças negras durante a infância, sendo perceptível no meu processo de formação, da minha irmã e nossos primos, segundo Cavalleiro (p 8,2001):

A disparidade nas representações de personagens negras e brancas pode ser fonte de rebaixamento de autoestima e um facilitador para a construção de autoconceito negativo por parte de crianças negras. E, diametralmente, que pode ser fonte de construção de um sentimento de superioridade por parte das crianças brancas, pelo fato de terem pele branca e fazerem parte, portanto, do grupo que constitui maioria em ilustrações e referências culturais e histórica nesse tipo de material o que sinaliza poder, beleza e inteligência (CAVALLEIRO, p 2001).

Já no ensino fundamental, com cerca de 8 a 9 anos, sofri perseguição de alguns meninos por causa do meu cabelo, chamavam de Bombril (Assolan), levavam esponjas de aço pra escola, colocavam fogo, gritavam na rua, era muito desconfortável, me sentia triste e incomodada, reclamei para professoras inúmeras vezes e nada foi resolvido e então conversei com meus pais e a medida de solução foi recorrer ao alisamento do cabelo, meu pai odiou a ideia, mas minha mãe tentando me proteger achou que era o melhor a ser feito. Sobre o não posicionamento da professora, dialogamos da seguinte maneira:

O silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola. De modo silencioso ocorrem situações no espaço escolar, que podem influenciar a socialização das crianças, mostrando-lhes diferentes lugares para pessoas brancas e negras (CAVALLEIRO, p 12 2003).

Muitas vezes para evitar conflitos em sala de aula eu preferia falar em particular com a professora que muitas vezes ignorava e nunca levou o caso a direção, e neste caso era sempre eu quem tinha que resolver, e a minha solução era ignorar as “brincadeiras” na esperança de que um dia eles parassem ou eu junto da minha família resolvêssemos da maneira mais pacífica possível. Para uma criança essas pequenas humilhações tornam-se um fardo muito pesado a se carregar sozinho, como cita a autora:

Não há como negar que o preconceito e a discriminação constituem um problema que afeta em maior grau a criança negra, visto que ela sofre direta e cotidianamente humilhações, maus tratos, agressões e injustiças que afetam a sua infância e comprometem todo o seu desenvolvimento futuro (CAVALLEIRO, p 7, 2003).

Na mesma época minha irmã dois anos mais velha, também negra, já tinha passado por mais de três escolas diferentes da cidade, por ter sofrido racismo por parte de professores e por ter sido acusada de roubo, sendo a única aluna negra da sala. Meus pais muitas vezes chegaram a desconfiar da falta de educação da minha irmã e encontraram como solução, as mudanças de escola, até que ela se “acertasse” em alguma escola, como se fosse ela quem tivesse que se “acertar”, conforme a autora:

Pode-se afirmar que as experiências vividas na escola marcadas por humilhações contribuem para condicionar os negros ao fracasso, à submissão e ao medo. Nesse contexto, para a criança negra torna-se difícil a construção de uma identidade positiva. A rejeição demonstrada pelas professoras faz eclodir um sentimento que pode conduzir ao desenvolvimento de uma baixa autoestima e de um autoconceito negativo (CAVALLEIRO, p, 2003).

Desde muito cedo crianças negras aprendem a se adaptar e a acostumar-se com situações racistas, pois aprendemos que reagir é perigoso, é pior. Muitas crianças negras são privadas do direito de brincar, de aprender, de acordo com Cavalleiro (p 6, 2003):

Não se pode deixar por conta de um silêncio criminoso crianças sofrendo diariamente situações que as empurram e as mantêm em permanente estado de exclusão da vida social e, pior ainda, em permanente sentimento de culpa pelos tratamentos a elas destinados. Isso porque, atribuindo a si mesma a causa do seu sofrimento, a criança precocemente expropriada do direito de reagir, de indignar-se, dificilmente conseguirá (re)significar os acontecimentos (CAVALLEIRO, p, 2003).

É difícil analisar a postura dos meus pais em relação aos casos de racismos que sofremos, na época os debates de racismos não estavam em destaque, pouco se sabia sobre o assunto, só sabia de racismo quem sofria e a melhor solução que meu pai via era a de evitar conflitos e resolver da melhor forma pra que não ocorresse violência física ou verbal (embora a vontade real dele fosse dar um jab direto - golpe do boxe- na cara da pessoa), por outro lado, a minha mãe discutia, ela sempre argumentava com as pessoas, mas ela se perdia na hora da raiva, o que fazia com que os agressores racistas se tornassem vítimas.

O enfrentamento ao racismo teve início na infância, onde eu aprendi em casa com a minha família a resolver de maneira educada, respeitando o outro mesmo sendo desrespeitada, de acordo com a autora:

As instituições de Educação Infantil organizam e formalizam uma aprendizagem que já se iniciou na família e que vai ter continuidade nas suas experiências com a sociedade. Assim, não só a família se torna responsável pela aprendizagem da vida social, embora represente, inicialmente, o elo mais forte que liga a criança ao mundo. “Ao final do processo de socialização a criança não só domina o mundo social circundante, como já incorporou os papéis sociais básicos – seus e de outros, presentes e futuros, mas, acima de tudo, já adquiriu as características fundamentais de sua personalidade e identidade” (GOMES, 1990, p. 60).

Uma sociedade racista utiliza de diferentes estratégias para marginalizar a pessoa negra, algumas características corporais são apropriadas pela cultura e recebem um tratamento discriminatório. O racismo inicia-se na infância, crianças negras sofrem com o racismo e muitas das vezes, numa tentativa de sofrer menos ou até mesmo numa perspectiva ilusória de não sofrer mais, recorrem a métodos de alisamento do cabelo crespo e outras tentativas de embranquecimento (tornar branco) para a aceitação, deixando de lado suas raízes e sua história e passam a seguir padrões sociais impostos pelas pessoas brancas, sendo eles padrões estéticos principalmente.

Desde muito pequenas as crianças negras passam por esses processos de alisamentos de seus cabelos. Considerados comuns pelos familiares, pelas mulheres negras são até aceitos como ritos de passagem, onde através da química capilar se tornam capazes de adentrar com maior passibilidade espaços antes interditados. Toda a segregação que uma criança negra de cabelo crespo sofre durante os anos escolares evidencia o quanto o cabelo da mulher negra ainda é um dos mais presentes e perversos mecanismos de racismo, como bell hooks evidencia em seu texto “Alisando nossos cabelos”:

Não estava associado na minha mente ao esforço de parecermos brancas, de colocar em prática os padrões de beleza estabelecidos pela supremacia branca. Estava associado somente ao rito de iniciação de minha condição de mulher. Chegar a esse ponto de poder alisar o cabelo era deixar de ser percebida como menina (a qual o cabelo podia estar lindamente penteado e trançado) para ser quase uma mulher. Esse momento de transição era o que eu e minhas irmãs ansiávamos.

Fazer chapinha era um ritual da cultura das mulheres negras, um ritual de intimidade. Era um momento exclusivo no qual as mulheres (mesmo as que não se conheciam bem) podiam se encontrar em casa ou no salão para conversar umas com as outras, ou simplesmente para escutar a conversa. Era um mundo tão importante quanto a barbearia dos homens, cheia de mistério e segredo (HOOKS, p. 1, 2005).

Os meus alisamentos de cabelo tiveram início ainda na infância, com 7 anos aproximadamente, lembro-me das minhas tias paternas passando uma espécie de pente de ferro aquecido no fogão nos meus cabelos, por volta dos oito anos de idade, comecei a usar produtos químicos de relaxamento e alisamento, o que acarretou em diversos problemas alérgicos, mas como na família da bell hooks isso também era como se fosse um ritual das mulheres negras da minha família.

Cresci acreditando que tais alisamentos e roupas caras, entre outras coisas, me deixavam “bem arrumada” e que assim poderia ser igual a todas as outras pessoas (brancas), nessa fase eu ainda acreditava não sofrer racismo, que alisar o cabelo me livrava disso e que andar com “brancos” também me livrava disso. Segundo a autora:

O cabelo crespo é um dos argumentos usados para retirar das pessoas negras o lugar da beleza. Ele ressalta que, no processo histórico cultural do Brasil, as pessoas negras, sobretudo as mulheres, constroem a sua corporeidade por meio de um aprendizado que incorpora um movimento tenso de rejeição e aceitação, negação e afirmação de seu corpo (GOMES, p 6-7,2003).

## 4 ADOLESCÊNCIA

Minha adolescência foi bem mais tranquila, cursei o ensino fundamental e ensino médio, em escolas de estaduais localizadas em bairros comuns, diferente da pré-escola que era localizada regiões centrais de bairros nobres. Fiz grandes amigos que não se importavam com meu cabelo e nem com a cor da minha pele, nossas preocupações eram sempre voltadas aos estudos e a esportes e lazer. Fui me capacitando ao longo dos anos, aprendendo informática, inglês e espanhol, meus pais nunca foram ricos, mas sempre trabalharam bastante e se preocuparam com os nossos estudos. Aos dezesseis anos iniciei minhas tentativas de inserção no mercado de trabalho, porém, embora com um currículo bom, fiz muitas entrevistas de emprego, mas não consegui nenhum emprego. Era difícil entender quais eram os motivos na época, porem agora dialogando com Lélia Gonzales, vemos que é algo corriqueiro e que faz parte da estrutura social:

O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem seus dividendos do racismo. Quando se trata de competir para o preenchimento de posições que implicam em recompensas materiais ou simbólicas, mesmo que os negros possuam a mesma capacitação, os resultados são sempre favoráveis aos competidores brancos. E isto ocorre em todos os níveis dos diferentes segmentos sociais. O que existe no Brasil, efetivamente, é uma divisão racial do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente: desemprego aberto, ocupações “refúgio” em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente e trabalho por temporada, etc.. Ora, tudo isto implica em baixíssimas condições de vida em termos de habitação, saúde e educação (González 2, 1979).

No fim do ensino médio iniciei a formação técnica, acredito também que tenha sido esse o início de uma formação crítica inconsciente, os alunos pareciam tão inteligentes, críticos e tinham tanta liberdade. A liberdade que não se encontra nas escolas públicas onde existem regras a serem seguidas, onde os alunos são condicionados a aprender e não a se questionar e argumentar. Na minha sala do curso técnico tinham gays, lésbicas, negros, pessoas do interior, pessoas de outros estados, era uma sala muito rica em diversidade, onde todo mundo se respeitava. Foi ali também que eu comecei a frequentar palestras, debates sobre política, educação, visibilidade LGBT, racismo e consciência negra, sempre frequentei escolas públicas que não proporcionavam palestras e debates, eu não sabia da importância do debate e de tais das temáticas.

O ensino técnico, foi além dos aprendizados sobre os respectivos cursos (me formei em Técnico em Logística e Administração de empresas com duração de dois anos e meio), ele contribui muito para o início de uma formação crítica e foi um processo muito feliz antes da universidade, onde fiz amizades muito especiais, que me acompanharam desde o começo e foram essenciais durante todo o curso.

Eu vejo na adolescência o início do pensamento crítico e questionador/argumentativo, formador de opinião, mesmo sem ter nenhum referencial teórico ou professores influenciadores, acredito que o próprio ambiente pode ter proporcionado essa postura, um ambiente com liberdade.

## 5. A UNIVERSIDADE:

Eu ingressei na universidade com 21 anos em 2013, no curso de Ciências Biológicas Licenciatura, cotista, convocada a inscrição pela última chamada, até hoje não entendi como, pois, havia me inscrito pelo sistema de cotas, sem saber muito bem o que era e esqueci de conferir as listas de chamadas, quando num belo dia eu me lembro, confiro e está lá meu nome, pedindo para que eu comparecesse no dia seguinte com uma lista gigante de documentos e que até hoje eu também não sei ao certo como eu consegui me matricular, pois pela quantidade de documentos exigida tive menos de 24 horas para conseguir juntar todos. O dia da minha matrícula foi muito triste, pois minha amiga do curso técnico Adriana estava comigo e tivemos a notícia de que apenas eu havia conquistado a vaga e ela não, eu não consegui comemorar, não conseguir ficar feliz, na verdade tive vontade de chorar e pensei até em desistir, pois não queria ficar sozinha naquele ambiente (isso porque eu ainda não sabia e não imaginava a metade das coisas que estavam por vir).

Às vezes eu tenho a sensação de que tudo para nos negros é mais difícil, pois bem, matrícula feita no curso de Ciências Biológicas Licenciatura Integral. Sempre gostei muito de Biologia por sempre ter tido contato com a natureza e a ideia de poder aprender e no futuro ensinar (licenciatura), para mim era fantástico. Ainda no dia da matrícula, eu conheci a Maria, ela estava atrás de mim numa fila, levando um trote violento de um veterano (homem, heterossexual, branco, classe média alta-playboy) eu estava tremendo de medo, pois logo seria a minha vez e eu particularmente, detesto quaisquer tipos de brincadeiras agressivas, e de repente, quando o veterano enfiou um pincel de guache na orelha da Maria, ela virou, enfiou a mão no pote de guache e passou nele, naquele momento eu virei fã da Maria e me senti mais confiante. No primeiro dia de aula, eu encontrei a Maria, fiquei muito feliz em saber que ela era da minha turma e para variar éramos as únicas negras da sala.

O primeiro semestre na faculdade foi muito difícil, já na primeira semana de aulas houve um debate sobre cotas e inclusão social, onde eu e Maria fomos praticamente expulsas da turma, por sermos cotistas e mais uma vez não houve intervenção da professora, ouvimos frases do tipo:

- “Eu não estudei a vida inteira em colégio particular pra vir um negro e roubar minha vaga”
- “Não é justo meu pai se esforçar e pagar meus estudos pra eu perder minha vaga pra um negro”



- “ Se eles são normais, porque não estudam?”
  - “ Se eles se esforçassem, não precisavam de vaga especial”
  - “ Do que adianta trapacearem pra entrar e desistirem no meio”
  - “ Eles raramente conseguem terminar então nem deveria ter vaga especial”
- (alunos da turma de Biologia, 2013).

Considero importante que em primeiro lugar possamos definir o que são as cotas raciais nas universidades e por que elas existem, a Lei nº 12.711/2012 garante 50% das vagas em universidades e instituições de ensino federais a alunos oriundos de escolas públicas, que se dividem em dois critérios econômicos: 50% (dentro desses 50%) são vagas destinadas a alunos de renda inferior a 1,5 salários mínimos per capita, e os outros 50% são destinados a pretos, pardos e indígenas, de acordo com a proporção populacional no respectivo estado. Além disso, dentro da subcategoria anterior, foi adicionada uma parcela de vagas destinadas a pessoas com deficiência, em 2016, também de acordo com os dados do IBGE. Este é o sistema de cotas no Brasil.

Segundo Silva (p,46 2003) as cotas são uma tentativa de correção dos erros de 500 anos de colonialismo, escravidão, extermínio físico, psicológico, simbólico de povos indígenas, bem como dos negros africanos e de seus descendentes. Sendo assim, a autora exemplifica tais reações e frustrações por parte dos alunos:

Críticas ácidas a tais iniciativas são feitas por aqueles que julgam as diferenças sociais e raciais dos negros, comparativamente às dos brancos, como inferioridade, anormalidade, desvio. Formulam, eles, com base em preconceitos, juízos que difundem uma imagem negativa dos negros. Com isto, tentam manter os negros afastados da possibilidade de vir a, com eles, concorrer tanto no ingresso na universidade como, futuramente, na batalha por emprego. Tais críticas, sejam elas em tom agressivo ou até mesmo benevolente, revelam rejeição explícita ou camuflada aos negros e, sobretudo dificuldade ou falta de vontade para enfrentar as tensas relações raciais constitutivas, juntamente com outras relações sociais, da sociedade brasileira (SILVA, p 46-47, 2003).

Segundo dados do IBGE, fica evidente o quanto a falta de informação e preconceito racial faz com que a pessoas disseminem o ódio e repassem informações equivocadas a respeito. Depois de mais de 15 anos desde as primeiras experiências de ações afirmativas no ensino superior, o percentual de pretos e pardos que concluíram a graduação cresceu de 2,2%, em 2000, para 9,3% em 2017. Apesar do crescimento, os negros ainda não alcançaram o índice de brancos diplomados. Entre a população branca, a proporção atual é de 22% de graduados, o que representa pouco mais do que o dobro dos brancos diplomados no ano 2000, quando o índice era de 9,3% (IBGE).

Se formos em busca de uma reparação igualitária, negros e pardos tem muito chão ainda a percorrer para tentarem alcançar os brancos, num índice de duas vezes a mais.

Experimenta nascer preto e pobre na comunidade  
Você vai ver como são diferentes as oportunidades  
E nem venha me dizer que isso é vitimismo  
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu ra-cis-mo!  
Existe muita coisa que não te disseram na escola!  
Cota não é esmola!  
Cota não é esmola!  
(BIA FERREIRA, COTA NÃO É ESMOLA, 2019).

Quando isso aconteceu eu e Maria ficamos nos sentindo muito mal, com uma sensação de roubo e de não pertencimento, por semanas, não tínhamos força e não tínhamos com quem conversar. Não achávamos justos ter que passar por isso, eu com 21 anos entrei na universidade sem cursinho pré-vestibular, a Maria com 29 anos e tinha acabado de sair de um convento/seminário, nós éramos as únicas mulheres pretas e mais velhas da turma, pra nos era muito difícil entender as aulas, tínhamos sempre que recorrer a livros e vídeo aulas, durante esses anos na universidade foram poucos os professores que tiveram a preocupação de tirar nossas duvidas, responder nossos e-mails e explicar de novo quando a dúvida era nossa. As nossas dificuldades nas disciplinas eram muitas, a gente cumpria jornadas de mais de 10 horas na universidade para tentar acompanhar o ritmo da turma e mesmo assim éramos as últimas a ser escolhidas nos trabalhos em grupo, a maioria deles, fazíamos só eu e Maria mesmo.

A Universidade Federal de São Carlos, aderiu ao sistema de cotas raciais no ano de 2006 onde foi elaborado e votado pelo conselho universitário e passou a ser implementado no processo seletivo de 2008.

Somente o sistema de cotas não é suficiente, a universidade precisa aderir a políticas não só de inserção do aluno, mas também do acompanhamento dos mesmos, contribuindo para a não evasão do aluno e a conclusão do curso, os professores também devem estar preparados para receberem alunos negros, alunos de escolas públicas é evidente nas universidades o despreparo dos professores quanto a essas questões, tais como a falta de cuidado e atenção dos mesmos.

Uma instituição, que se disponha a implantar plano de ações afirmativas para a população negra, não pode encará-lo como "proteção a desvalidos", segundo pretendem alguns. É preciso que um plano com tais metas incentive a compreensão dos valores da diversidade social, cultural, racial e, nestes valores, busque apoio para orientar suas ações educativa, de formação de profissionais e de responsável pelo avanço das ciências. Sem dúvida, a

universidade, ao prever e executar medidas visando à inclusão de grupos até então deixados à margem, inclui-se na sociedade, passa a dela fazer parte e assume compromisso com ela, já que deixa de atender unicamente aos interesses de um único segmento até então privilegiado (SILVA p 46-47, 2003).

Quando se vem de escola pública, preta, pobre, sem computador e sem internet em casa (no primeiro ano), sendo a única da minha casa na universidade, além de ser um peso muito grande a se carregar, são muitos pontos de desvantagem em relação aos alunos da minha própria turma, que se prepararam para o ingresso na universidade e quando conseguiram já estavam prontos, eu apenas tentei e quando deu eu fui.

“Quer saber o que me incomoda, sincero  
É ver que pra noiz a chance nunca sai do zero  
Que se eu me destacar é pura sorte jáo  
Se eu fugir da pobreza  
Eu não escapo da depressão  
Um quadro triste e realista  
Na sociedade machista  
As oportunidades são racistas  
São dois pontos a menos pra mim  
É difícil jogar quando as regras  
Servem pra decretar o meu fim”  
(TASSIA REIS, DA LAMA/AFRONTAMENTO, 2016).

Apesar do primeiro ano ter sido marcado pelas dificuldades de adaptação e rejeição da turma, terminamos o primeiro ano, com poucas reprovadas e com 5 amigas, Estela, Fernanda, Iolanda, Gabriela e Victoria, nossas únicas amigas numa sala, que era formada por pessoas extremamente egoístas e competitivas, formamos um grupo intitulado “As Planárias” onde mais pra frente a Laura passou a fazer parte, com o passar dos anos outras pessoas também se aproximaram de nós, pois viram que a gente não ia desistir, a Estela mudou de universidade, mas é nossa amiga até os dias de hoje. Desse primeiro ano o que eu guardo de positivo, foram as disciplinas de licenciatura que trouxeram reflexões sobre o ensino de Ciências e me despertou um desejo de trabalhar com Educação Rural, levamos também a seguinte frase: “Não vamos desistir, se a gente não desistiu no primeiro ano, não vai ser agora”, eu e Maria sempre repetíamos.

Parei pra refletir sobre as pessoas da minha turma (embora eles não valham a reflexão) e me lembrei que haviam mais duas pessoas na sala uma outra mulher negra e pobre que havia feito cursinho pré-vestibular durante cinco anos, para cursar medicina, mas não conseguiu e ingressou na minha turma, essa pessoa era o fantoche da turma, ela acreditava ser amiga das pessoas quando na verdade, só lembravam dela na hora de fazer

piadas de péssimo gosto e “brincadeiras” desumanas sempre com o intuito de humilha-la e maltrata-la, no fim do primeiro ano ela desistiu do curso. Eu e Maria tentamos nos aproximar dela, mas foi em vão, pois ela nem nos ouviu, como ainda não tínhamos forças para nos defendermos era ainda mais difícil tentar defender uma pessoa que não queria ser defendida, então seguimos em frente. A outra pessoa, é uma pessoa que se declarou negra, entrou pelo sistema de cotas e lutou ao lado turma toda contra o sistema de cotas, provavelmente ela deve ter criado uma falsa ilusão de que seria mais aceita, caso concordasse com a maioria, não tenho como saber o que se passou pela cabeça dessa pessoa, somente dizer sobre o que eu senti, me senti ainda mais enfraquecida e em diversos momentos desse relato eu vou afirmar que: Se não fosse fulano eu teria desistido!

O epistemicídio se realiza através de múltiplas ações que se articulam e se retroalimentam, relacionando-se tanto com o acesso e/ou a permanência no sistema educacional, como com o rebaixamento da capacidade cognitiva do alunado negro (CARNEIRO, 2005). Logo, é no campo da educação que o racismo epistêmico encontra também um grande espaço para a reprodução dos dispositivos de dominação e hierarquia racial. No Brasil o racismo epistêmico tem sido responsável pela consolidação de campos de saberes altamente hierarquizados, e assim, constrói-se dia após dia campos de saberes nos quais toda uma racionalidade afrodescendente ou negra é ausente, sub representada ou estereotipada.

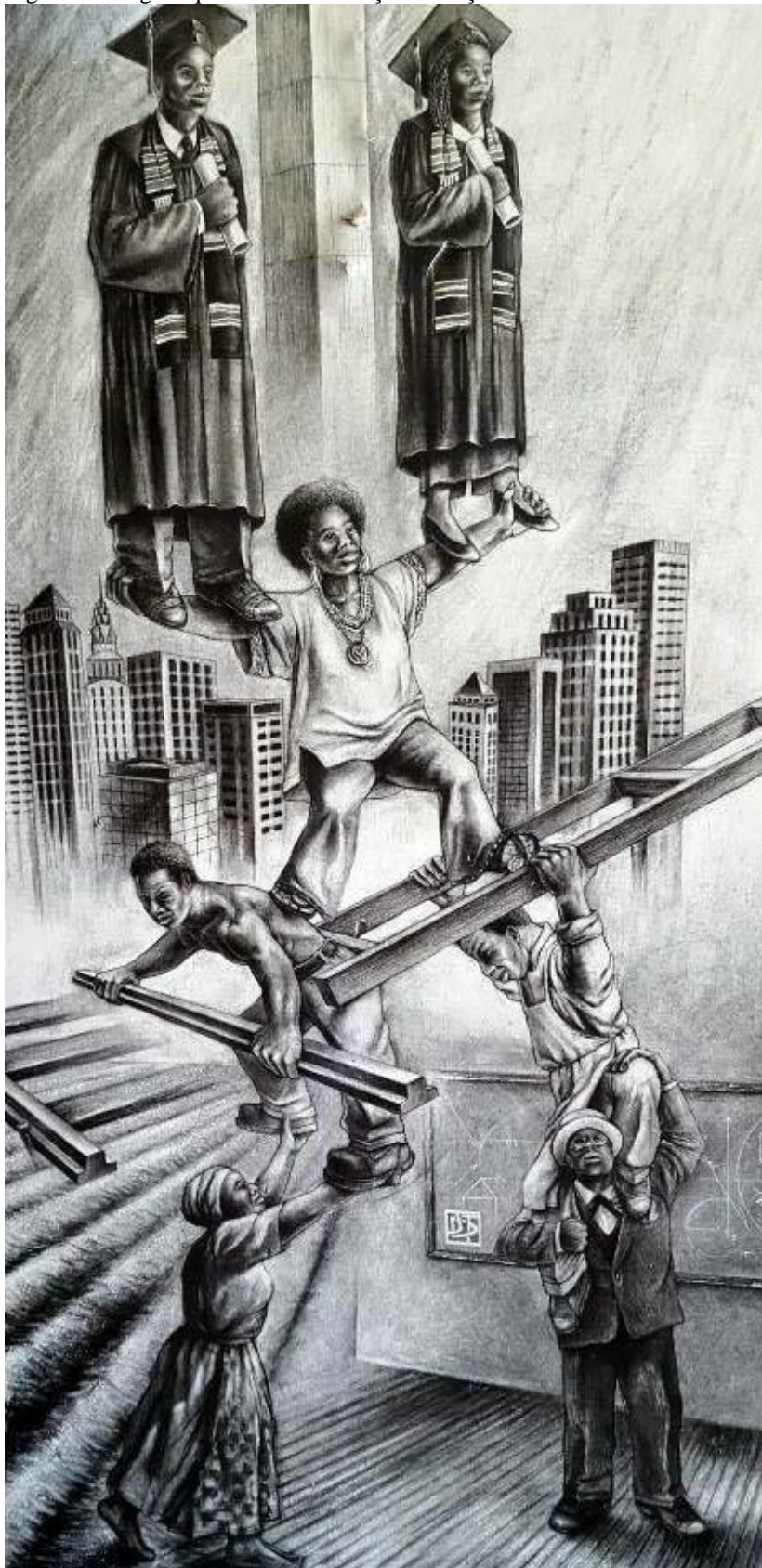
Nunca comemorei tanto as férias, como essa, só de pensar que eu ficaria longe do ambiente universitário que para mim era algo extremamente pesado, carregado de energias ruins, a minha ideia inicial era me desligar de tudo aquilo e focar somente em coisas boas, minha família, os sítios, meus sobrinhos. Porém não foi exatamente isso que aconteceu, como eu preferi não contar pra minha família as coisas ruins que aconteciam na universidade, eu fiquei maior parte do meu tempo sozinha pensando em como mudar as coisas, pensando no que fazer para que as pessoas da turma e da universidade no mínimo me respeitassem, depois de um tempo decidi que não queria o respeito deles e que iria fazer a minha parte, sem me preocupar se ia agradar ou não as pessoas e sim fazer algo que me fizesse bem, decidi que ia focar toda a minha energia na educação, aproveitar as aulas de licenciatura ao máximo e buscar algum lugar onde eu pudesse aplicar meus novos conhecimentos. Após fazer um trabalho sobre educação rural, despertei um grande interesse na área, pensava muito em formar logo e poder dar aula no sitio, bem longe de

peessoas toxicas e principalmente racistas, assim como as pessoas da minha sala e maior parte da universidade.

A academia não é o paraíso, mas o aprendizado, é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (HOOKS, p 273, 2019).

A minha família sempre me apoiou, incentivou, se orgulham e fazem o melhor que podem para que eu me forme.

Figura 2: Imagem que remete o esforço e a força dos meus ancestrais.



Fonte: Imagem retirada da internet.

O ano de 2014 foi um ano muito importante para mim, para minha formação e transformação enquanto sujeito/aluna/licencianda. Comecei a desenvolver atividades no Pibid (Programa inicial de bolsas de iniciação a docência) junto com Iolanda e Laura, ambas da minha turma, de início foi impactante por se tratar de uma escola localizada em bairro periférico em Salto de Pirapora - SP, foi o primeiro contato direto com crianças e adolescentes e suas realidades, no primeiro semestre buscamos trabalhar com o conhecimento prévio dos alunos realizando oficinas e intervenções de interesse, nesse primeiro ano as práticas foram voltadas a educação ambiental e reciclagem.

Ainda sobre esse primeiro semestre de 2014, na universidade comecei a interagir com outras pessoas negras de outros cursos, mais especificamente falando, com o Rivaldo de Turismo (ingressou em 2013 junto comigo, mas pouco nos víamos pelo campus), o Tuako (ingressou em 2011) e a Denise de Economia (irmã da Aline minha amiga do curso técnico, que ingressou em 2014 junto com sua mãe Dona Lucia do curso de Engenharia Florestal), ambos negros e embora de cursos bem distintos, as dores, os traumas, as inquietações eram muito semelhantes.

Acredito que através das dores e das experiências universitárias nos aquilombamos, numa perspectiva de união com nossos semelhantes e através dessa união nos fortalecemos, para tentar reduzir os danos que o ambiente universitário estava causando no nosso psicológico. Ter um grupo de pessoas pretas com que podíamos estudar e conversar foi muito importante e representativo nesse período.

O segundo semestre foi surreal, no Pibid, mudamos o nosso tema de trabalho e passamos a trabalhar com Gravidez a Adolescência devido uma demanda da escola, pois o índice de evasão de alunas grávidas estava aumentando ao longo dos anos então a coordenação considerou o assunto de extrema importância, porém como a nossa proposta era de se trabalhar com o conhecimento dos alunos detectamos que o assunto deveria ser aprofundado partindo de uma base mais consistente de Sexualidade e Gênero. Eu nunca havia trabalhado com essa temática, assim como também nunca havia trabalhado com mais de 120 alunos adolescentes de idade de 15 a 19 anos, foi desafiador e assustador, foram necessárias diversas pesquisas e as atividades foram colaborativas construídas juntos com os alunos, quebrando preconceitos enraizados devido a influências familiares e descobrindo juntos dos adolescentes novos saberes sobre as questões de gênero, foi muito transformador para ambas as partes envolvidas e o mais surpreendente foi o respeito dos alunos á diversidade tanto da escola, quanto social.

As atividades realizadas foram, entrevista com alunas e ex-alunas da escola que engravidaram entre o Ensino Fundamental e Médio, entre elas: 1 que evadiu da escola após a gravidez, 1 estudante e 1 concluinte, com finalidade de investigação social e aplicação de um questionário com o mesmo objetivo de investigação social, familiar e sexualidade, para que depois houvesse uma síntese dos resultados obtidos, seguida de uma redução temática capitando falas significativas para a primeira oficina a ser realizada em seguida.

Trabalhando com a transformação social atuando junto com a prática educativa, poderíamos tornar nossas oficinas na escola uma pratica questionadora, crítica e emancipatória, segundo nossos conhecimentos prévios em Educação Freiriana, enfatizando os 3 momentos pedagógicos, problematizando, organizando e sintetizando. A partir deste novo olhar ao projeto, manteve se o foco no Ensino Médio e realizamos os seguintes passos: Interação com os alunos através de atividades de apresentação, perguntas sobre a escola e perspectivas de futuro.

A Primeira oficina: Elaboramos uma metodologia que ressaltava a importância da discussão do tema Sexualidade, mostrando suas vertentes, no primeiro momento houve a exibição de curta metragem chamado “Era uma vez outra Maria”, por ser muito didático, a partir desse filme foi possível levantar questões e discutir sobre a temática da sexualidade, os alunos levantaram os seguintes pontos:

Sociedade: como objeto de manipulação, papel da sociedade, sociedade ditadora, papel da escola (em relação à sexualidade), imposição de valores, censura, futuro. Gravidez: consequências, prevenções contra doenças, abandono, direitos da mulher, Lei Maria da Penha, feminismo, estupro. Machismo, origens bíblicas, estupro, masturbação. Direitos iguais e igualdade/equidade de gênero.

Criação de cartazes, onde foram distribuídas imagens de crianças com brinquedos de menina e de menino taxados pela sociedade, incentivando a reflexão sobre questões de gêneros e o papel da sociedade nesse contexto, após a reflexão os estudantes, ainda em grupos, sintetizaram a discussão através de desenhos e imagens em papel craft.

Discussão e apresentação dos cartazes onde todos participaram e puderam questionar e dar seus diferentes pontos de vista;

Dinâmica do semáforo, que teve por finalidade buscar temas onde os estudantes deveriam escrever no sinal verde: assuntos que eles considerassem fáceis de discutir; no



amarelo: assuntos medianos com maior importância; e por fim no vermelho: assuntos complexos, com alta relevância. Surgiram temáticas classificadas como mais importantes pelos alunos assuntos como causas GLBTT, homofobia, moral do cidadão (família, religião, escola, sociedade), entre outros.

O grupo solicitou aos alunos um retorno (feedback) sobre a prática realizada para que pudesse ser aperfeiçoada na próxima oficina. Já os alunos, solicitaram a criação de um grupo nas redes sociais (Facebook) onde pudessemos divulgar vídeos, entrevistas, artigos, entre outros, sobre a temática para melhor aprofundamento teórico.

Tomamos como base para a elaboração desta atividade os resultados obtidos na primeira oficina, onde os alunos mostram dúvidas em questões GLBTT e homofobia, no primeiro momento exibimos dois vídeos que chamam-se “Não é por que eu sou gay” e “Não é por que eu sou lésbica”, que proporcionaram a reflexão dos alunos aos estereótipos dados as pessoas devido a sua orientação sexual.

Dinâmica do desenho, onde os alunos deveriam desenhar o que era solicitado, com objetivo de mostrar que mesmo solicitando as mesmas coisas a todos, no final o desenho, que é o desenho de uma pessoa, fica completamente diferente um do outro, deixando a mensagem de que todos somos diferentes uns dos outros e que cabe a nós respeitarmos as diferenças.

Exibição de imagens proporcionando outra reflexão sobre as questões de transgênero e trazendo de novo um debate de opiniões diversas sobre o assunto, os alunos solicitaram que buscássemos na internet o índice de morte dos homossexuais no Brasil e encontramos um site que divulga diariamente mortes por homofobia e exibição do curta metragem chamado “Heterofobia -mundo ao contrário”.

Tais ações geraram debates e resultados riquíssimos, por serem completamente diferentes uns dos outros tivemos uma grande participação dos alunos com argumentações fortes que defendiam seus pontos de vistas, mas sempre com respeito aos demais alunos. Houve também inúmeros desabafos onde alunos relatavam já terem vivenciado diversas questões trazidas pelo grupo e a importância de nossos debates para mudanças no ambiente escolar. Com essas ações foi perceptível que os alunos de Ensino Médio eram mais cientes e tinham mais facilidade com a temática, devido ao acesso livre a internet (inclusive uma das metodologias utilizadas foi o Facebook, onde criamos uma conta própria para o projeto e trocávamos notícias, textos e imagens sobre as temáticas,

filmes e documentários, palestras, divulgávamos os materiais utilizados e informávamos as datas dos próximos encontros) entre outros, porém os alunos de ensino fundamental não tinham tanto acesso e é uma fase onde se encontram mais casos de bullying e disseminação de preconceitos na escola, então embora fosse mais desafiador, decidimos trabalhar com crianças de ensino médio no semestre seguinte.

De volta a universidade, o engajamento em projetos fez com que a universidade deixasse de ser um fardo tão pesado, embora ainda estivesse imersa em um ambiente competitivo e egoísta eu conseguia acreditar no lado positivo que existia em tudo isso.

Como sempre tive uma grande paixão por ecologia e conservação, procurei professores das respectivas áreas para saber como eu poderia contribuir e no futuro iniciar um projeto de pesquisa, porém nunca houve retorno por parte dos professores, o que fez com que eu desistisse de trabalhar em tais áreas pelo menos no ambiente universitário, fora dele fiz cursos particulares de extensão e práticas, pois graças a remuneração do Pibid eu podia pagar por eles.

As atividades de diversidade sexual e gênero desenvolvidas com o Pibid, além de me sensibilizaram também me fizeram olhar as diversas questões de minorias, raça, gênero, orientação sexual, classe social, tudo isso me fez enxergar uma oportunidade de levar tais conhecimentos aos alunos e assim poder trabalhar contra esses preconceitos que infelizmente estão enraizados em nossa sociedade.

Com foco maior na educação e no aprendizado, eu, Rivaldo, Denise, Tuako nos unimos e pensamos juntos sobre ações que pudessem ser transformadoras para a universidade. Foi então que pensamos em acolher alguns intercambistas de África: Vanessa – Congo, José e Amélia – Angola, Erlete – São Tomé e Príncipe, para conversarmos ajuda-los com situações de racismo e discriminação, ouvimos relatos de racismo sofridos pelos intercambistas africanos que nos abalaram muito e por mais que nos fortalecêssemos para lidar com tais questões, muitas vezes ficávamos tão abalados que não sabíamos o que fazer. Eram casos absurdos, a universidade “dá a vaga” para eles, porém não está preparada para recebe-los, ouvimos relatos de rejeição e de exclusão como:

*Teve um dia que eu estava na aula e o professor fez uma pergunta e eu fui a única que respondeu, o professor virou para a turma e disse: Até a Africana sabe e vocês não? Que vergonha! (intercambista africana).*

Sem entender muito bem, as questões de racismo, como funcionava, e o que era racismo institucional, buscamos entender tais termos, sempre tentando nos fortalecer e

nos unir cada vez mais. Foi na universidade que sentimos a necessidade de estudar e buscar nossas raízes através da leitura, com referências negras, lendo notícias do *Geledés* e nos identificando cada vez mais com tudo que acontecia no Brasil e no mundo.

Nos unimos enquanto coletivo negro que inicialmente se chamou Coletivo Negritude, o primeiro coletivo negro formado somente por estudantes negros da UFSCar Sorocaba, idealizamos e realizamos a “1ª Semana da Consciência Negra do coletivo negritude” dentro da universidade e realizada somente por alunos negros, sem nenhum tipo de apoio tanto financeiro, quanto moral de nenhum professor e nem da própria instituição. Foi bem problemático, não tivemos adesão por parte dos alunos, ocorreu também uma disputa desnecessária por espaço, professores da universidade que já realizavam atividades fora do espaço acadêmico, tentaram deslegitimar nossas ações o que levou a divisão das pessoas e como consequência tivemos poucos participantes e colaboradores, mas por outro lado, estávamos com quem realmente tinha vontade de fazer acontecer e mesmo na correria de estudar em período integral, fizemos com que o evento acontecesse.

A realização da 1ª Semana da Consciência Negra na Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba ocorreu dos dias 24 a 27 de novembro de 2014. Tal projeto teve como missão, trazer um pouco da cultura negra para o espaço universitário através de palestras com a temática da Negritude: Identidade, Preconceito e Cultura Afro-brasileira, onde tivemos oficina de turbantes, roda de capoeira, teatro e festa temática trazendo para a vivência universitária ritmos de herança africana como o Maracatu, Jongo, Rap e discotecagem Afro-brasileira. Com o principal objetivo de promover debates sobre as dificuldades enfrentadas pela Negritude no Brasil e no ambiente universitário, valorização da cultura, resgate de identidade e resistência negra dentro e fora da universidade.

Durante a realização do evento, uma professora da universidade entrou em contato com nós para nos avisar que estávamos atropelando o evento de consciência negra organizado por ela fora da universidade ( no Núcleo de Educação, Tecnologia e Cultura da UFSCar, localizado fora da universidade, no centro de Sorocaba), o que de início nos desestabilizou, pois organizar e realizar eventos não é fácil, ainda mais quando se tem pouco apoio, contando apenas com o apoio de um docente, professora Viviane Melo Mendonça que além do apoio, nos deu liberdade de trabalhar como quiséssemos, nos auxiliou em partes burocráticas e alguns servidores públicos também contribuíram na organização e na correria estávamos sempre eu, Denise, Rivaldo e Tuako.

A melhor maneira que encontramos para resolver esse conflito com a professora, foi de unir os dois eventos, cedendo espaço e alterando nossa programação, o que de início não foi agradável, mas depois resultou em uma grande honra, pois recebemos Raquel Trindade (*in memoriam*).

Escrevo, agora sobre Raquel Trindade e sua presença na universidade. Estávamos em um dia muito estressante, cansados, com sentimentos de incapacidade, sem forças, estávamos nos sentindo roubados, pois cedemos nosso evento, que lutamos para realizar, para uma docente egoísta e egocêntrica que só estava preocupada em defender seu próprio nome através do evento, cedemos por pressão, por sermos meros estudantes lutando por uma graduação, enquanto os que possuem mestrado, doutorado tem mais poder de voz, inteligentemente cedemos, para evitar problemas futuros, na verdade, só cedemos por não sabermos nosso potencial e nosso poder. Ao mesmo tempo que cedermos, abrimos caminhos para que Raquel Trindade viesse a nós nos olhasse com amor, nos abraçasse como se fosse nossa mãe. Raquel Trindade Rainha Kambinda foi uma griot (contadora de história), uma mestra guardiã do conhecimento, da história e da cultura afro-brasileira, fortaleceu a cada dia a missão de Solano Trindade de “pesquisar na fonte de origem e devolver ao povo em forma de arte. Conhece-la naquele momento foi muito importante para nos entendermos enquanto grupo, família ancestral e amizade, foi fortalecedor e nos motivou a continuar lutando dentro e fora do ambiente acadêmico e em meio as adversidades manter-nos sempre firmes e fortes, não sabíamos das potencias de Raquel, simplesmente as sentimos quando nos conhecemos.

Figura 3: Coletivo negritude e a rainha Raquel Trindade. Da esquerda para a direita: Tuako, Denise, Raquel Trindade, Rivaldo e eu, Novembro de 2014.



Fonte: Imagem do autor.

Ouvi uma vez, uma fala sobre ancestralidade que pode explicar tudo que sentimos naquele momento:

A ancestralidade não é algo que vemos com os olhos, nem ouvimos com os ouvidos, a ancestralidade é algo que sentimos com a pele e com o coração (autor desconhecido).

Após o evento recebemos um retorno de alguns alunos que participaram:

*“ Ver a universidade ganhando vida e potência de transformação é uma grata sensação e claro, não poderia deixar de mencionar o quão empoderadora foi para mim particularmente a oficina que me lançou ainda mais profundamente no mundo dos turbantes e da estética negra em geral “. (Thais Cruz, estudante de Biologia na época e atualmente formada).*

Figura 4: Oficina de turbantes na semana da consciência negra.



Fonte: Imagem do autor.

Em seguida, nos reafirmamos enquanto Coletivo Negritude UFSCar Sorocaba, com o intuito de agregar novos membros e formarmos um grande grupo de estudantes negros e negras, para que pudéssemos estudar referências negras e nos fortalecermos cada vez mais. Em 2015, retomamos nossas atividades como coletivo, porém como não houve muita adesão dos estudantes negros da UFSCar ao coletivo (acredito que muitos deles, por receio ou até mesmo medo) realizamos uma junção com um grupo psicologia da Unip que realizava pesquisas de gênero, relações raciais e artes, pois para nós que queríamos ampliar nossos olhares e buscávamos orientações no que diz respeito a leituras e debates foi de extrema importância. Passamos a nos chamar de Coletivo NEGRRA (Núcleo de Extensão e pesquisas de Gênero, Relações Raciais e Arte), tal junção teve como objetivo, enegrecer os ambientes acadêmicos assim como a cidade de Sorocaba, ampliando o alcance das nossas ações. Seguimos na luta com força e coragem, realizando também pela primeira vez a “Ocupação Afro” vale ressaltar que convidamos toda a comunidade acadêmica, inclusive os prestadores de serviços e mulheres que trabalham na equipe de limpeza do campus, com o intuito de quebrar quaisquer barreiras de preconceitos sociais ainda existentes na universidade.

“A "Ocupação AFRO" foi realizada de 12 a 14 de maio na UFSCar Sorocaba, trazendo para a vivência universitária, rodas de conversa, debates, oficinas, intervenções e experiência que promoveram a Afrobetização na UFSCar. A necessidade de Afrobetizar, surge da invisibilidade, da problematização da negritude e a identidade dentro e fora do meio acadêmico. Saber da importância de trazer as ações africanas e afro-brasileiras para junto do meio universitário é corroborar para que tenhamos profissionais que possam atuar conscientes da construção do país e da participação dos povos africanos. Afrobetização é conhecimento, é empoderamento, é visibilidade”. Decidimos afrobetizar a UFSCar pelo incomodo e resistência apresentado por toda a comunidade acadêmica diante as nossas ações.

As atividades foram:

Capoeira de Angola: presente no campus há anos e poucos alunos tinham interesse e frequentavam os treinos. A capoeira é resistência, é história e merece visibilidade.

Roda de conversa: As mulheres negras e os reflexos do Brasil de hoje com Jarrid Arraes e Djamila Ribeiro.

Coletivo Cunhãntân: O corpo negro através do teatro

Palestra com Marco Pereira: Tempos não áureos

Nessas atividades tivemos a presença dos representantes da Atlético da UFSCar Sorocaba, devido a imagens de cunhos racistas utilizadas para a divulgação de eventos realizados no dia 13 de maio, data da abolição da escravatura no Brasil, que foram convidados gentilmente para que pudéssemos explicarmos o quão ofensivo foram tais imagens. Durante a palestra do Marco Pereira, alunos representantes da Atlético da UFSCar participaram do evento e se pronunciaram de maneira grosseira em relação a arte de evento de cunho racista tal arte continha punhos serrados e quebras de correntes, sinalizando a libertação dos” bixos” (relacionada a libertação dos calouros comparando-os a escravos). Nos sentimos desrespeitados, não só em relação as nossas dores, mas também por nossos convidados terem que lidar com pessoas ignorantes e mal-educadas. Nós do coletivo, nos sentimos envergonhados, ameaçados e com medo, pois não estávamos preparados para confrontos e por não termos apoio da universidade (como a Atlético) isso nos abalou e confesso que influenciou muito nas ações futuras do coletivo e no seu fim.



Mesmo com tantas adversidades as atividades tiveram grandes participações dos discentes e docentes da universidade, além do público da cidade de Sorocaba, foi muito gratificante poder proporcionar a todos tais debates. Nos do coletivo (eu, Tuako, Rivaldo e Denise), mais uma vez fizemos todo o evento praticamente sozinhos, sempre contando apenas com a ajuda e apoio da professora Viviane e de nossos convidados para que pudéssemos realizar o evento com sucesso.

“É necessário afrobetizar o ambiente acadêmico, onde os negros ainda são minorias. Todo o conteúdo da programação que acompanhei serviram para fortalecer o meu conhecimento/identidade como mulher negra e deram a oportunidade de outros alunos do campus se aproximarem das temáticas discutidas” (Camila Lima, estudante de Biologia).

Figura 5: Convidados e participantes do evento.



Fonte: Imagem do autor.

A próxima ação realizada, foi muito importante para nós, tratando de visibilidade, pois vimos a necessidade e a importância de enaltecer essa data através de nossas conversas com os intercambistas do continente africano e estava dentro do nosso objetivo principal que é ter e dar visibilidade ao povo preto acadêmico da UFSCar Sorocaba. No dia 25 de maio, comemora-se o dia do Continente Africano: Em parceria com os intercambistas Africanos, foi realizada uma roda de conversa onde os mesmos trouxeram a cultura de seus países, suas experiências e expectativas confrontadas aqui no Brasil, debatendo questões de racismo dentro e fora do ambiente universitário.



“Foi uma honra poder participar do debate, falar da África num todo e do meu país que é São Tomé e Príncipe, poder falar da minha cultura é gratificante. A África é muito mais do que miséria e fome”. (Erlete Santos, estudante de Administração, intercambista de São Tomé e Príncipe).

Após essas ações o coletivo perdeu forças e diante todas as adversidades acadêmicas e também as manadas de leões por dia que a gente tinha que matar (não é uma boa analogia já que eu sou de Biologia e gosto de conservação, porém é cabível a situação), além da nossa saúde mental que é testada e destruída todos os dias, nós acabamos. Sem briga, discussão ou qualquer coisa do tipo, simplesmente acabou, porem a vida acadêmica continuou e a amizade prevaleceu.

As atividades realizadas por nós chamaram atenção dos racistas enrustidos das nossas turmas, inúmeras vezes o Rivaldo sofreu ataques racistas pela sua turma, tanto de professores, quanto de alunos, todos usavam o cabelo black power dele como motivos de piadas e ofensas. A Denise sofreu discriminações por causa do uso de turbantes, a mãe dela Dona Lucia, foi discriminada por ser a mais velha da turma, a única negra da sala, discriminada por ser mulher negra, pobre e mais velha num curso de engenharia, chegou até a ser expulsa de sala de aula por se atrasar 1 minuto para a aula. O coletivo acabou, mas os problemas de racismo na universidade permaneceram, em decorrência disso, ambos os três não concluíram o curso e evadiram da universidade.

Tais ações foram extremamente violentas, não são agressões físicas, mas nos agredem psicologicamente, alterando nossa saúde mental, segundo Reis (2009);

Não opto pelo conceito de etnia porque a gente não está morrendo de etnicismo, estamos morrendo de racismo (REIS, 2009, p. 14).

Ainda no primeiro semestre de 2015, o Pibid seguiu as atividades porem dessa vez com um grande desfalque no grupo, a Iolanda e a Laura haviam saído e para mim foram grandes perdas, pois além de serem minhas amigas, todas as atividades realizadas até

então eram realizadas em conjunto, com a saída das duas eu tive o trabalho triplicado. Aquilo que pra mim era algo muito satisfatório, por ter contato com os alunos e a escola se tornou um fardo muito pesado para se carregar. Existem pessoas que se formam, que trabalham, que vivem sendo carregadas nas costas por alguém, nesses anos de universidade, conheci diversas pessoas assim, nesse caso eu tentei me livrar desse peso, porém não fui ouvida, então tive que seguir carregando-o sozinha, tive de escrever um artigo para um congresso sozinha, sem apoio, sem incentivo, sem nenhuma ajuda e conhecimento de como fazer o tal, tive de aprender com os meus erros e graças a minha força e persistência eu consegui, ao finaliza-lo tive de pôr o nome de todas as pessoas que não contribuíram. Em diversos momentos eu fiz trabalhos, relatórios, artigos, tudo sozinha, deixei o meu papel de humana e virei maquina, as pessoas nos escravizaram e nos chicotearam como se a gente não sentisse dor, montaram nas minhas costas para que eu fizesse tudo sozinha como se eu não cansasse, não precisasse dormir.

Foi na universidade que eu conheci o Feminismo e mulheres feministas e também foi um dos ambientes mais machistas que eu já frequentei, tanto por parte de homens quanto de mulheres, mas mesmo assim me aprofundi em leituras para saber mais sobre e entender melhor como todas aquelas mulheres brancas poderiam me representar de alguma forma. Levei muito tempo para conhecer referencias negras feministas e me sentir representada. A luta das mulheres precisa se amparar na construção de um movimento antirracista, pois a sociedade é escravocrata, patriarcal e burguesa e fundamentada no racismo. E um feminismo comprometido de fato com a luta das mulheres precisa entender que, como Angela Davis (2016) cita, classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a classe é vivida. E, para isso, o movimento feminista precisa assumir uma postura autocrítica, assimilando que lutar pelas mulheres em sua totalidade é especialmente lutar pelas mulheres negras e trabalhadoras, pois elas não são somente as principais vítimas das violências do patriarcado e do racismo, mas também tem a sua opressão e exploração utilizadas na manutenção do sistema capitalista.

Segundo os Mapas da Violência (2017-2019), o homicídio de mulheres negras cresceu em 54% em dez anos no Brasil, enquanto no mesmo período, o número de homicídios de mulheres brancas caiu 9,8% em 2017. Assim como os índices de encarceramento das mulheres, em sua maioria negras (68%), foi de 5.601 em 2010 para 44.721 no final de 2016. Em 2019 considerando apenas o último ano disponível, a taxa

de homicídios de mulheres não negras foi de 3,2 a cada 100 mil mulheres não negras, ao passo que entre as mulheres negras a taxa foi de 5,6 para cada 100 mil mulheres neste grupo. Segundo o IBGE, o índice de aborto provocado no país por mulheres negras é o dobro daquele verificado entre as brancas. Esses dados são indicativos de que pautas como o encarceramento feminino, a legalização do aborto e o feminicídio precisam ser prioridades do movimento feminista.

É preciso entender o papel das mulheres negras na história, as escravizadas de ontem são as periféricas e ocupantes dos cargos de trabalho mais explorados de hoje. E a essas mulheres, ao invés da fragilidade, restou somente a hipersexualização ou a desvalorização do seu papel enquanto mulher. É urgente que o movimento de mulheres assuma um caráter classista e combativo, interseccionando a luta das mulheres brancas com a luta das mulheres negras no que tange o inimigo comum, o qual é sustentado pelo patriarcado e pelo racismo.

A autora Carla Akotirene (2018) exemplifica o termo de interseccionalidade correlacionando a ferramenta metodológica ao feminismo e suas falhas em relação as mulheres negras:

A interseccionalidade é uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, e as articulações decorrentes daí, que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. Infelizmente agora sofre os perigos do esvaziamento, pois caiu no gosto acadêmico das branquitudes. Fala-se muito de feminismo interseccional sem trabalhar o paradigma afrocêntrico, de forma desconexa da origem, fundamento e propostas epistemológicas das feministas negras. Além do fato de feminismos brancos fracassarem na tentativa de socorrer as vítimas negras, tendo em vista a forma como empregam o racismo nas suas análises e propostas (AKOTIRENE, 2018).

É importante se sentir representada nas falas de grandes intelectuais negras, são essas mulheres que lutam por nós e que de alguma forma nos mantem vivas, o feminismo negro foi norteador da minha trajetória até aqui.

Seguindo as atividades do Pibid no primeiro semestre as ações foram voltadas ao ensino fundamental, porem foi necessário reavaliar as práticas para evitar futuros problemas com escola e pais de alunos, por se tratar da temática de sexualidade e genero, pensando nisso o grupo decidiu trabalhar com práticas corporais, atividades de relações sociais, raciais, *bulling*, entre outros, originando uma nova visão, trabalhar a Sexualidade e Gênero através de práticas corporais, propiciando uma nova temática Corpo, Cultura e Movimento.

As ações iniciais realizadas foram, apresentação do grupo em todas as salas de Ensino Fundamental do período da tarde, para que houvesse um contato inicial, pois acreditamos que a melhor maneira de tornar as nossas ações significativas é através da aproximação dos alunos, conhece-lo, conquista-lo para que assim, desperte o seu interesse e o torne mais participativo, o que de fato vem dado muito certo em todas as atividades realizadas até o momento. Para o planejamento da atividade o grupo optou em não citar a questão da Sexualidade e Gênero, focando a atividade somente na questão de corpo e movimento, para que aos poucos, os próprios alunos nos conduzissem a temática. Foram realizadas duas dinâmicas, sendo a primeira dinâmica do reconhecimento, onde cada aluno escreveu em papel um sonho, um defeito, uma qualidade e uma característica física, o papel foi depositado em um saco plástico e embaralhado e após cada aluno retirava um papel e tentava descobrir quem o havia escrito, essa dinâmica serviu para que os alunos se aproximassem, conhecendo ainda mais uns aos outros, para que nos também pudéssemos conhecê-los além de iniciar discussões sobre igualdade através do apontamento de defeitos e qualidades.

A segunda dinâmica (andando pelo espaço) foi realizada com o auxílio de instrumentos musicais (pandeiro) para dar ritmo a atividade, os alunos andaram pelo espaço que possuíam, preenchendo os buracos, em seguida, fazíamos intervenções pedindo que eles andassem no ritmo da música, aumentassem ou diminuíssem a velocidade, encostassem o pé ou mão em diversas partes do corpo dos outros alunos, entre outros. Essa dinâmica teve como objetivo principal, propor maior interação entre os alunos, fazendo com que eles pudessem se sentir à vontade, sem vergonha, porem foi percebido que quando era solicitado que houvesse o contato deles com outros alunos eles mostravam resistência, expressando vergonha, medo e malícia. A partir dessas atividades foi decidido que seriam realizadas mais atividades que envolvessem o corpo, para que pudéssemos quebrar o pudor, o medo e a malícia apresentada pelos alunos nessa primeira atividade. A seguinte atividade foi realizada essa foi dividida em três momentos: Dinâmica do Jornal, Dinâmica de Relaxamento e Dinâmica da Roda. Iniciamos então com a Dinâmica do Jornal, onde os alunos recebiam um jornal e dançavam uma música durante um tempo, quando a música parava cada aluno deveria permanecer em cima do jornal, de tempo em tempo alguns jornais eram retirados e os alunos tinham que dividir espaço com os demais, até um determinado momento onde não havia mais espaço para todos. O objetivo geral da dinâmica era a interação dos alunos, a divisão do espaço e

trabalhar o contato físico de maneira inconsciente. Em seguida, foi realizada a dinâmica do relaxamento, onde os alunos deitaram em colchonetes com o corpo esticado, com incenso aceso para aromatizar a sala e uma música relaxante com sons da natureza. Essa dinâmica foi planejada para que após uma atividade agitada os alunos pudessem fechar os olhos e se concentrar relaxar o corpo e a mente. Realizamos intervenções pedindo para que eles imaginassem alguns cenários naturais e cenários que eles consideraram relaxantes. Exibimos dois curta metragens “Era uma vez outra Maria” e “Minha vida de João”, os curtas metragens são voltados a questões de gênero, a influência da família e da sociedade sobre os personagens desde o seu nascimento, além de tratar o início da sexualidade e outras questões sociais (como bullying). A proposta do grupo era que os alunos assistissem os curtas e depois escrevessem em um papel, suas opiniões e/ou considerações sobre o filme. Realizamos o “Jogo da Discórdia”, onde criamos uma serie de imagens com meninos fazendo “coisas de meninas” (como serviços domésticos, brincando de boneca, entre outras) e meninas fazendo “coisas de meninos” (jogando bola, brincando de carrinho, entre outros) inicialmente os alunos observaram essas imagens, depois foram divididos em dois grupos e cada grupo tinha um porta voz que recebeu uma placa que tinha escrito em seus versos: Concordo e Discordo. O jogo era simples, foram exibidas algumas frases e os alunos tinham que discutir se concordavam ou discordavam e depois explicar o porquê. O grupo usou as seguintes frases:

- Hoje em dia os garotos estão mais carinhosos do que antigamente.
- Os pais são mais controladores com as filhas do que com os filhos.
- Os homens são por natureza mais agressivos do que as mulheres
- Tomar conta dos filhos e da casa é responsabilidade da mulher.
- Existem coisas só para meninos como futebol, e coisas só pra meninas, como cozinhar e dançar.
- Uma menina jogar bola, não a torna menos mulher e um menino limpar a casa não o torna menos homem.
- Lugar de mulher é esquentando barriga no fogão ou esfriando no tanque, enquanto o marido trabalha.

Tivemos nesse trabalho diversas implicações, com a escola, com a faixa etária dos alunos e como trabalhar tais temáticas de maneira sutil para que a escola não interferisse em nosso trabalho, a maneira mais fácil de se trabalhar foi através dessas ações realizadas, onde atividades que trazem elementos como música, pandeiros, jornais, incensos, entre outros, todos os elementos prenderam a atenção dos alunos diminuindo suas hiperatividades e prendendo suas atenções fazendo com que aumentem o interesse e a participação. Durante as ações os alunos apresentaram opiniões muito fortes de preconceitos e bullying, algo que foi preocupante ao grupo.

No segundo semestre de 2015 ainda sobre o Pibid, seguimos trabalhando as questões de gênero com o ensino fundamental, devido a forma como se expressaram nas atividades anteriores e também foi necessário incluir nas temáticas trabalhadas as questões de relações raciais, devido a casos de racismo relatados pelos alunos, foram coletadas durante as atividades frases como:

“O próprio povo preto é racista com ele mesmo, pois vê racismo em tudo”.

“Ela (aluna negra) não pode comer banana aqui na escola, pois, ou relacionam ao órgão genital do homem, ou chamam ela de macaca, por isso ela não pode comer banana aqui na escola”.

“Quando eu era pequena, meu pai trazia chocolate preto para mim e chocolate branco para minha prima (menina branca) dizendo que eu tinha que comer o chocolate que era da minha cor. Nós trocávamos escondido” (relato de uma aluna negra).

Uma aluna relacionou a amiga negra com objetos de cor preta, dizendo:

“Se eu gosto dessas coisas (objetos de cor preta), por que eu não vou gostar de você, se você é da mesma cor? ”.

Tais frases me afetaram de forma muito negativa, me coloquei no lugar daquelas crianças e fui afetada por aquilo também, me entristeceu muito ver crianças com esses comportamentos racistas, além de não ter apoio do meu grupo de trabalho para lutar e mudar tais ações. Depois de muito insistir, consegui planejar uma atividade para poder mostrar aos alunos que todos nós temos ancestralidade africana, falando da primeira mulher do mundo, a Lucy (o fóssil mais antigo descoberto na África), sobre a pangeia, povos africanos e afro-brasileiros, cultura e religião, músicas, capoeira, enfim pude mostrar a história de luta do povo negro e o quanto a cultura desse povo está presente em

nossas vidas. Então conversamos, exibimos vídeos, trouxemos elementos de maracatu, como a alfaia e o shekerê. Ainda insistindo em discutir o racismo e relações raciais com os alunos exibimos um curta relacionado a homofobia e um curta relacionado a racismo. Os curtas chamam se “Heterofobia- mundo ao contrário” e “Vista a minha pele” onde ambos os filmes relatam casos reversos, no caso do Heterofobia, trata se de uma cidade onde todas as pessoas são homossexuais e uma garota sofre por ser heterossexual e se apaixonar por um menino, o que acaba levando-a a cometer suicídio, já no filme vista a minha pele, uma menina branca, loira, de olhos verdes, sofre racismo, o grupo também apresentou imagens que problematisassem o machismo. A ideia era mostrar para eles algo que fosse mais próximo da realidade deles e de uma maneira que os sensibilizassem e os levassem a refletir suas ações com seus colegas da escola, gerando um rico debate sobre as temáticas. Porem a escola mostrou resistência em relação as temáticas raciais, impedindo nosso trabalho e tivemos que seguir trabalhando questões de gênero apenas.

Como defende hooks (2013), quando a aula estimula o questionamento e a problematização de situações que foram, até então, vistas como naturais, é compreensível que os/as estudantes tenham dificuldade de lidar com essa nova forma de ver o mundo. É uma mudança cujo impacto não se encerra na sala de aula, mas acompanha o/a aluno/a em todos os lugares onde ele/a vai estar dali em diante. Quando têm a experiência de um aprendizado libertador, os/as estudantes aprendem a questionar aquilo que sempre pareceu muito natural e começam a “enxergar” as circunstâncias que explicam os contextos desiguais em que os grupos e sujeitos estão organizados em sociedade. Pode ser muito desconcertante passar a ver a realidade em que estão inseridos sem as “cortinas” da sua ignorância. Além disso, pode ser ainda mais difícil ter que lidar com a dificuldade de viver num mundo que ficou mais injusto e desigual e não saber, ao certo, o que fazer para mudar aquilo que agora lhe é visível.

Existem várias barreiras dentro da escola ao tratar assuntos que tiram as pessoas de suas zonas de conforto. As temáticas de Relações Raciais, Sexualidade e Gênero, surgiram a partir de uma demanda trazida pelos próprios alunos, que ao decorrer das atividades mostraram interesse em desconstruir visões preconceituosas e agressivas, o maior obstáculo encontrado foi a comunidade escolar, professores, coordenadores e demais funcionários que mostraram resistência em debater, nos privando dar continuidade as ações. Trabalhar o racismo na escola pública foi e ainda tem sido uma grande barreira presente nas minhas vivencias como educadora, pois é um assunto que

incomoda as pessoas, principalmente pessoas brancas que dificilmente entendem a importância de se trabalhar tal assunto.

A universidade é um ambiente diverso, tanto em etnias quanto em orientações sexuais, pensamentos políticos, críticos e educativos, mas o que eu aprendi e valorizo ao longo desses anos, um pouco com Freire e muito com a bell hooks, é que ao se trabalhar com crianças e adolescentes para que ocorra uma educação transformadora que de fato seja importante para o desenvolvimento tanto do educador quanto do aluno é preciso trabalhar e respeitar a necessidade/realidade dos alunos.

Com o término do coletivo negro e o fim das ações de relações raciais com o Pibid, eu ainda me via trabalhando com educação em questões de Gênero e Raça e foi aí que no segundo semestre de 2015 nasce o *Adeola*, enquanto coletivo Negra nossas ações conseguiram alcançar a cidade de Sorocaba e algumas cidades da região surgindo convites para falas e atividades. Recebemos um convite da Rosangela Alves (in memoriam) para realizarmos uma atividade para crianças no Centro Cultural Quilombinho com a proposta inicial de passarmos um vídeo sobre relações étnicas raciais e fazermos uma roda de conversa com as crianças, os meninos do coletivo por estarem interessados em outros assuntos não aceitaram, mas eu e Denise não só aceitamos como estudamos e criamos uma nova proposta mais interessante para Rosangela, onde através de uma performance lúdica e mágica duas princesas vinda de África contariam as histórias dos povos africanos e afro-brasileiros.

Figura 6: Primeira apresentação do Adeola no Quilombinho Sorocaba.





Fonte: Imagem do Autor.

O *Adeola Princesas Guerreiras*, nasce e fortalece a Afrobetização, reafirmando e compartilham a história de suas ancestrais. O projeto foi criado à partir da demanda e da necessidade em debater a questão das relações raciais, e gênero ao que tange à Lei 10.639/03 que em 2004, o Parecer Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2004) estabeleceu as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, em decorrência da promulgação da Lei 10.639/03, em que o Conselho Nacional de Educação se propunha a manifestar-se sobre a educação das relações étnico-raciais. A Lei 10.639/03 instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no sistema de educação escolar brasileiro em todos os seus níveis.

Através de uma performance onde interpretamos duas princesas africanas *Funji* e *Kambo* irmãs da rainha *Nzinga* (Símbolo de luta e resistência na Angola na década XVI) que viajam pelo tempo utilizando um brinco mágico, herança herdada da Rainha Lucy, (primeiro fóssil de *Australopithecus afarensis* encontrado na Etiópia em 1974, conhecida como a mãe da humanidade) falando de África, dos povos africanos e afro-brasileiros, desde a pangeia até os dias de hoje, correlacionando questões que tangem ao gênero, às relações raciais e a desconstrução de preconceitos e estereótipos. A performance fortalece o protagonismo de mulheres negras guerreiras, e os elementos utilizados como o turbante

(coroa da ancestralidade africana) e o berimbau (arma das guerreiras *bantu*) enriquecendo um cenário onde as mulheres e a juventude negra são protagonistas da construção da história da humanidade, trabalhando a valorização da cultura e da identidade através das referências positivas por uma perspectiva feminista.

Figura 7: Adeola Princesas Guerreiras, *Funji* e *Kambo*.



Fonte: Imagem do autor.

O que era para ser apenas uma atividade, permanece vivo até os dias hoje, e nos possibilita viajar e conhecer lugares, pessoas e crianças sensacionais, estivemos em cidades como Franca SP, Rio de Janeiro, Adrianópolis PR, Ribeira SP, Atibaia SP, Salvador BA, Florianópolis SC, Brasília DF, entre outros.

Nosso trabalho também foi reconhecido em 2016 pelo prêmio Antonieta de Barros de comunicadores negros, o que para nós foi uma honra, poder receber um prêmio que carrega o nome de uma mulher tão potente quanto Antonieta de Barros, mulher negra, educadora, comunicadora e resistente.

Uma ação simples que surge com o intuito de equidade racial e de gênero conquistou e ainda conquista muitos espaços nos quais jamais imaginávamos estar. O *Adeola* é protagonismo feminino negro, é representatividade e nesse sentido é tudo aquilo

que nos faltou na infância, é empoderamento de crianças negras, principalmente de meninas. Com ele, através da oralidade e da ludicidade quebramos os padrões Disney eurocêntrico de princesas e trazemos as crianças brasileiras algo com que elas realmente possam se identificar, além das propostas educativas e de história e cultura que são essenciais para a formação dos brasileiros numa perspectiva antirracista.

Enquanto isso na escola pública com o Pibid, em 2016 ocorreu a mudança de escola também periférica, mas dessa vez em Sorocaba, inicialmente trabalhamos metodologias de conhecimento e aproximação dos alunos, meu grupo de trabalho era formado por eu e mais duas mulheres pretas, uma delas era a Maria. Detectamos mais uma vez o racismo presente na escola, porém dessa vez por parte dos funcionários, professores e coordenação, quando em uma atividade pedimos aos alunos que construíssem cartazes com mensagens que eles achavam necessárias para serem divulgadas na escola, então foram elaborados cartazes com frases de protesto e no dia seguinte os mesmos sumiram, soubemos que a coordenação retirou os cartazes. Daí em diante passamos a ser ignoradas, maltratadas e extremamente desrespeitadas na escola.



Figura 8: Confeção de cartazes – Pibid. “Cor de pele não define caráter”



Fonte: Imagem do autor.

Figura 9: “Talvez eu seja de uma outra cor, uma raça diferente, mas isso lhe dá o direito de me bater?”



Fonte: Imagem do autor.

Mais uma vez me senti golpeada no estômago, nos olhos, no coração. As frases relatadas pelos alunos doeram muito em mim e no meu grupo de trabalho, porém foi muito difícil trabalhar nessa escola, éramos boicotadas de todos os lados o que nos impossibilitou de trabalhar com qualidade o que realmente precisava ser trabalhado.

Em 2017 sofremos ataques racistas e perseguição por parte de uma professora da escola sem apoio dos responsáveis pelo Pibid na UFSCar e sem forças para realizar uma ação junto a capes responsável pelo programa (devido também as reformas do governo que queriam extinguir o Pibid) e novamente tivemos que mudar de temática e seguimos trabalhando com jogos didáticos sócios-educativos realizado pelos alunos. Mais uma vez o tema racismo e *bullying* foram levantados pelos alunos, sendo realizados alguns jogos com as temáticas. Sofremos também com cobranças abusivas de relatórios e de provas que realmente estávamos trabalhando, escritas de artigos, entre outras cobranças que só eram destinadas ao único grupo de trabalho que continha três mulheres negras. Em meio

a tanta coisa negativa que aconteceu e que nos enfraqueceu e nos desestabilizou em diversos momentos o que nos motivou e nos levantou muitas vezes foi o carinho e dedicação dos alunos e com certeza foi o que nos manteve até o fim do programa no início de 2018.

Na universidade também foi tudo muito difícil de seguir em paz e até mesmo de concluir o curso. Fomos maltratadas por docentes, muitas vezes usadas como exemplos negativos em sala de aula, nós alunas negras éramos comparadas a plantas que podem torrar no sol quando uma aluna branca é usada como exemplo de uma planta sensível, delicada e bem desenvolvida, ou então os menos favorecidos geneticamente, ou até os mais suscetíveis a doenças.

Nesse trecho a autora consegue expressar muito do que eu sinto em relação a universidade e aos docentes:

Qualquer falta de conformidade da nossa parte era vista como suspeita, como um gesto vazio de desafio cujo objetivo era mascarar a inferioridade ou um trabalho abaixo do padrão. Naquela época, os alunos oriundos de grupos marginais que tinham permissão para entrar em faculdades prestigiadas e predominantemente brancas eram levados a sentir que não estavam lá para aprender, mas para provar que eram iguais aos brancos. Estávamos lá para provar isso mostrando o quanto éramos capazes de nos tornar clones de nossos colegas (HOOKS, p14, 2019).

Os problemas enfrentados em sala de aula e as dificuldades não nos desanimam mais, aceitei minhas dificuldades e lidei com elas, deixei de tentar ser igual aos outros e comecei a viver tudo no meu próprio tempo. A Maria sempre foi minha companheira em sala de aula, minha mãe, minha tia, por ser mais velha me dava broncas me chamava a atenção, nunca permitia que eu desanimasse e nem desistisse, sempre foi meu alicerce, sem ela provavelmente eu teria desistido, mas desisti, mais um amigo negro que desiste, assim como a Melissa, que cursava geografia, nos aproximamos e ficamos amigas, nos apoiamos, mas ela também não teve forças para permanecer na universidade e desistiu.

Falando de amizade, quero ressaltar também a importância da família, não a minha família, mas sim a família que eu ganhei na universidade, meu quilombo! Em meio as nossas dores ter alguém como você (preto) que entende e sente cada palavra que você diz é o que te faz levantar e lutar, erguer a cabeça e seguir em frente, é o que te faz por mais difícil que seja lutar pelo seu diploma. Eu, a Camila e o Rivaldo, criamos uma família. Juntos somos luz um na vida do outro, somos ajuda, companheirismo, amizade,

irmandade, rimos, choramos, cantamos, comemoramos muito, viajamos, vibramos com as conquistas uns dos outros, dançamos, somos quem somos, mantemos viva nossas tradições, somos nossa casa de proteção. Não existe distancia quando se há conexão, nos conectamos pela alma e pelo coração, nos protegemos e assim permanecemos, rumo ao diploma.

Figura 10: Amizade preta, Rivaldo, Camila e eu.



Fonte: Imagem do autor.

Ver muitos dos meus melhores amigos pretos desistindo da oportunidade, que para muitos deles era única, de cursar uma universidade e ter um diploma, assim como ter

melhores oportunidade no mercado de trabalho, é algo que me entristece muito. As minhas motivações para continuar o curso foram diminuindo cada vez mais, mas desistir nunca foi uma opção para mim.

Novamente dialogo e me identifico com a bell:

No curso de graduação a sala de aula se tornou um objeto de ódio, mas era um lugar onde eu lutava para reivindicar e conservar o direito de ser uma pensadora independente (HOOKS, p13, 2019).

Refletindo sobre as minhas vivencias na infância e adolescência é perceptível os impactos do embranquecimento imposto pela minha família mesmo que de maneira silenciosa, algo que contribuiu na perca da minha identidade negra ao longo dos anos.

As vivencias do coletivo Negritude, do Negrra e do Adeola foram fundamentais para que além de saber quem somos, valorizar tudo o que há de mais bonito, nossa cultura, nossos saberes, para que pudéssemos manter viva a nossa história que é a história de um povo que foi sequestrado, escravizado, que sofreu, lutou e luta até hoje contra o racismo e para se manter a herança ancestral viva. A iniciação docente também contribuiu muito para a minha formação, além de ser necessária e fez parte da minha transformação pessoal como educadora.

Versando com um trecho de *Still I rise* ANGELOU (1978) salientando a força de se manter em pé em meio as adversidades:

Você pode me riscar da história  
Com mentiras lançadas ao ar.  
Pode me jogar contra o chão de terra,  
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar. (ANGELOU,  
1978).

No curso de Ciências Biológicas o maior desafio no início era se sentir pertencente a aquele lugar e aquela área, a falta de representatividade de professores negros tal como referências bibliográficas negras contribuem negativamente tanto no processo de aprendizagem quanto nos processos de pesquisas. Sendo a Biologia uma área tendenciosa ao racismo, onde ao longo da história do Brasil criaram-se teorias para afirmar a inferioridade do negro em relação a sua genética, onde existiram tentativas de extermínio da população negra baseados em ideias conservadoras e higienistas genéticas. A falta de



debates com recortes raciais e a falta de interesse dos professores nessas temáticas nos desmotiva em relação aos estudos, pois além de termos que dar conta da jornada de estudos em período integral, se quisermos saber mais sobre algum assunto, nos mesmo temos que ir atrás.

Chegando ao fim da graduação tive a oportunidade de participar de uma disciplina do mestrado a convite da Prof. Viviane com a temática de Gênero e Diversidade Sexual no contexto escolar, onde realizamos as leituras do livro de bell hooks Ensinando a Transgredir, tal como outros textos de mulheres em sua maioria, feministas negras americanas e brasileiras. Com as leituras pude me ver representada e inspirada, a autora traz diversos pontos sobre educação, processos educativos, universidade e racismo que mesmo inserida em contextos e épocas diferentes proporcionou debates riquíssimos sobre suas obras. Além de ser uma obra escrita de maneira muito carinhosa e acolhedora, foi esta norteadora para este trabalho onde pude expressar o quão honrada me senti ao participar desta disciplina. Algo que me intrigou no decorrer dos debates é que a obra da bell hooks é de fato muito acolhedora e faz com que os leitores se sintam abraçados pela autora, e com isso muitas pessoas se identificam, mas não necessariamente fazem um recorte de gênero e principalmente de raça, o que me intriga é que muitas vezes alguns estudiosos nos veem (nós mulheres negras) apenas como objeto de estudo, deixando de lado as nossas batalhas e nossas conquistas. Porém, algo que me alegrou foi a chegada a teoria, no trecho onde bell hooks diz:

Cheguei a teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei a teoria desesperada, querendo compreender – aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (Hooks, p 83, 2019).

Remetendo a minha atual fase, durante a escrita deste trabalho onde encontro me profundamente machucada pela perda de meu pai e minha avó, cansada pelas dores sofridas na graduação, pelos preconceitos e discriminações raciais e por me sentir carregando uma grande responsabilidade em minhas costas quando se trata de educação, desacreditada do meu potencial, no decorrer desta escrita foi quando refleti, pela primeira vez sobre minhas ações na universidade, as ações de transformações com as crianças e adolescentes, tais como as práticas que tiveram como efeito a minha própria transformação enquanto pessoa e que por meio desta teoria eu consegui refletir sobre a

importância desses processos para minha formação, o que mostrou que a cura sempre esteve ao meu alcance.

Pensando enquanto educadora e pensando também nos meus futuros alunos, eu sempre busquei as minhas próprias referências, trazendo sempre um debate crítico, muitas das vezes com os meus amigos, sobre temas da biologia poucos discutidos embasados em recortes de raça e gênero. O ambiente universitário me obrigou de uma maneira muito brusca a ir atrás da minha própria identidade e negritude para que eu pudesse me fortalecer e conseguir enfrentar as barreiras impostas diariamente. O processo de autoafirmação é um processo difícil e doloroso e é preciso coragem, por outro lado é fortalecedor, onde você busca suas raízes e são elas que te nutrem e fortificam. Foi onde eu descobri a importância da representatividade negra, o quão forte é a presença de um corpo negro vivo, protagonista, contando e defendendo a sua história e também ressaltando que um corpo negro feminino no ambiente acadêmico é ainda mais revolucionário, é lutar contra todos os estereótipos designados a mulher negra. Uma mulher negra que lê, escreve, estuda, viaja e faz outras mil coisas quebrando os padrões impostos pela sociedade, incomoda muita gente.

Enquanto o couro do chicote cortava a carne

A dor metabolizada fortificava o caráter

A colônia produziu muito mais que cativos

Fez heroínas que pra não gerar escravos,  
matavam os filhos

Não fomos vencidas pela anulação social

Sobrevivemos à ausência na novela, e no  
comercial

O sistema pode até me transformar em  
empregada

Mas não pode me fazer raciocinar como  
criada

Enquanto mulheres convencionais lutam  
contra o machismo

As negras duelam pra vencer o machismo, o  
preconceito, o racismo

Lutam pra reverter o processo de  
aniquilação

Que encarcera afrodescendentes em  
cubículos na prisão

Não existe lei maria da penha que nos  
proteja

Da violência de nos submeter aos cargos de  
limpeza

De ler nos banheiros das faculdades  
hitleristas

Fora macacos cotistas

Pelo processo branqueador não sou a beleza  
padrão

Mas na lei dos justos sou a personificação da  
determinação

Navios negreiros e apelidos dados pelo  
escravizador

Falharam na missão de me dar complexo de  
inferior

Não sou a subalterna que o senhorio crê que  
construiu

Meu lugar não é nos calvários do Brasil

Se um dia eu tiver que me alistar no tráfico  
do morro

É porque a lei áurea não passa de um texto  
morto

Não precisa se esconder, segurança

Sei que cê tá me seguindo, pela minha  
feição, a minha trança

Sei que no seu curso de protetor de dono  
praia

Ensinaram que as negras saem do mercado  
com produtos embaixo da saia

Não quero um pote de manteiga ou de  
xampu

Quero frear o maquinário que me dá rodo e  
uru

Fazer o meu povo entender que é  
inadmissível

Se contentar com as bolsas estudantis do  
péssimo ensino

Cansei de ver a minha gente nas estatísticas

Das mães solteiras, detentas, diaristas

O aço das novas correntes não aprisiona  
minha mente

Não me compra e não me faz mostrar os  
dentes

Mulher negra não se acostume com termo  
depreciativo

Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino

Nossos traços faciais são como letras de um  
documento

Que mantém vivo o maior crime de todos os  
tempos

Fique de pé pelos que no mar foram jogados

Pelos corpos que nos pelourinhos foram  
descarnados

Não deixe que te façam pensar que o nosso  
papel na pátria

É atrair gringo turista interpretando mulata

Podem pagar menos pelos mesmos serviços

Atacar nossas religiões, acusar de feitiços

Menosprezar a nossa contribuição para a  
cultura brasileira

Mas não podem arrancar o orgulho de nossa  
pele negra

Mulheres negras são como mantas kevlar

Preparadas pela vida para suportar

O racismo, os tiros, o eurocentrismo

Abalam mais não deixam nossos neurônios  
cativos

Yzalú- Mulheres Negras.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das narrativas, constatou-se que questões de desafetos, discriminações e exclusões nos processos iniciais de aprendizagem são reflexos de uma sociedade racista que permeiam a infância das crianças negras, criando memórias que as acompanham ao longo de suas vidas. O racismo tal como o racismo institucional no Brasil persegue as pessoas negras desde o seu nascimento até o dia de sua morte.

Detectamos a importância dos processos educativos e das instituições de ensino na formação do sujeito, tal como a educação crítica. Na universidade além de proporcionar, mesmo que nas suas contradições, formações e debates para uma educação crítica, foi junto do Pibid que pude iniciar minha formação docente realizando atividades de transformação e desconstrução de preconceitos que contribuíram muito para o meu desenvolvimento enquanto educadora.

Dialogar com mulheres intelectuais negras além de representatividade é identidade, não há distâncias de tempo e localidades que nos separem, foi possível a conexão mesmo que através da dor, além de conhecer seus trabalhos e o quão potentes são, trilhamos um caminho juntas nessa escrita. Suprindo a representatividade negra inexistente no meu processo de formação e ressaltando a importância do recorte de raça e gênero, priorizando o cuidado com as crianças e a população negra, tais diálogos evidenciam a importância das lutas antirracistas, femininas e negras na transformação social.

É necessário priorizar os processos iniciais de educação, pois vemos que a mudança está na base e com a urgência e a necessidade de aproximar as referências e protagonismo de mulheres e negritude, projetos como o *Adeola* são fundamentais não só para a educação, mas para o fortalecimento de identidades e subjetividades de crianças negras e não negras, além do conhecimento através da história e cultura dos povos africanos e afro-brasileiros. Para além disso é necessária uma preocupação e engajamento nos processos formativos de educadores, sendo de extrema importância e urgência que gênero, raça, diversidade, sexualidade, história e cultura afro-brasileira façam parte dos currículos, e que a Lei 10.639/3 seja de fato aplicada. Partindo do pressuposto onde a deficiência do ensino para a igualdade se dá na infância, fica evidente o quanto o projeto contribui positivamente nas fases iniciais de ensino e até mesmo na adolescência, onde através do protagonismo e da representatividade que o *Adeola* proporciona obtemos

resultados satisfatórios que evidenciam a possibilidade de se construir uma relação de igualdade entre educador e educando, tornando as ações mais significativas, através de uma prática social horizontalizada, de modo a incitá-los a tornarem-se mais críticos, não só em questões ligadas ao tema, mas também relativas a outras.

Assim como também é primordial para o ensino de Ciências Biológicas um olhar mais atento e atual sobre recortes de gênero e raça no que tange a área de ciências do ensino fundamental até a universidade para que possamos desmistificar e atuar fortemente na desconstrução de preconceitos enraizados na sociedade.

Ser mulher negra neste atual cenário político brasileiro, não nos dá muitas perspectivas positivas de futuro, em meio a tantas adversidades espero que esse trabalho contribua para que outras mulheres negras se identifiquem com as minhas trajetórias motivando as a não desistirem e busquem alternativas de mudanças e enfrentamento. E que para além de contar suas histórias e intelectualidades se tornem referências e conquistem os espaços ao qual temos direito de ocupar.

Contudo, a educação é sempre a nossa melhor maneira de luta e conquista. A melhor forma de enfrentar esses desafios é lutar, por uma educação de equidade de gênero e antirracista.

## 7. REFERENCIAS

ACÇÕES AFIRMATIVAS Disponível em:  
<<http://www.acoesafirmativas.ufscar.br/reserva-de-vagas> > Set, 2019.

ATLAS DA VIOLENCIA 2017/2019 Disponível em  
<[http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abou-this-office/single-view/news/indice\\_de\\_vulnerabilidade\\_juvenil\\_a\\_violencia\\_2017\\_desig/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abou-this-office/single-view/news/indice_de_vulnerabilidade_juvenil_a_violencia_2017_desig/) Acesso em set, 2019.

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2018.

ANGELOU, Maya. “And Still I Rise, New York: Random House, 1978.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). Racismo e Anti-racismo na Escola: Repensando nossa Escola. São Paulo: Summus, p 8 2001.

\_\_\_\_\_, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, Preconceito e discriminação na Educação Infantil. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. Discriminação Racial e Pluralismo nas Escolas Públicas da Cidade de São Paulo, in: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação / MEC, BID, UNESCO, 2005.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp, 2005.

COTAS RACIAIS Disponível em: <<http://www.acoesafirmativas.ufscar.br/reserva-de-vagas> > Acesso em Set. 2019.

DAVIS, Angela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>> Acesso em set, 2019.

FERREIRA, Bia. Cota não é esmola, Bia Ferreira no estudio Showlivre, 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QcQIaoHajoM>> Acesso realizado set, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf> Acessado em: set, 2019.

\_\_\_\_\_. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

\_\_\_\_\_. Educação, Raça e Gênero: relações imersas na alteridade. Cadernos Pagu. São Paulo, n. 6-7, p. 67-82, 1996.

\_\_\_\_\_. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.21, pp. 40-51.

GONZALES, Lelia. A Juventude Negra Brasileira e a Questão do Desemprego. Conferência Anual do African Heritage Studies Assotiation – April. P. 26-29, 1979.

HOOKS, Bell. Alisando nossos cabelos. 2005,p. 1-4  
\_\_\_\_\_. Ensinando a transgredir: a Educação como prática de

liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013, p. 273. Editora Martins Fontes, 2013.

LEI 10.639 Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp\\_003.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf)> Acesso em: Set, 2019.

SILVA, Beatriz Petronilha. Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. 2003. p. 46-47.

REIS, Tássia. Da lama/Afrontamento, Outra Esfera, 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6MRkuIK08ZU>> Acesso realizado set, 2019.

REIS, Vilma. “Estamos morrendo de racismo”. In: Revista Muito. Salvador, 06/09/2009. p. 11.

YZALÛ. Mulheres Negras, Minha Bossa É Treta, 2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=122kwdWN-v0>> Acesso realizado, ser, 2019.



## **GLOSSARIO:**

**ADEOLA:** Palavra de origem yorubá linguagem do Bantu em África que significa “*coroa de riquezas*”, fazendo referência ao turbante.

**AFROBETIZAR/AFROBETIZAÇÃO:** Ato que significa contar a história dos povos africanos e afro-brasileiras pela perspectiva do próprio negro, trazendo representatividade e protagonismo, valorizando a riqueza cultural e histórica dos povos africanos e afro-brasileiros. Educar através de uma perspectiva afro descendente e africana.

**AFROCENTRICO:** Refere-se ao lugar psicológico, cultural, histórico ou individual ocupado por uma pessoa em dado momento histórico; - O objetivo de uma pessoa afrocêntrica é manter o povo africano dentro, e no centro, de sua própria história.

**BRANQUITUDE:** Pertença étnico-racial atribuída ao branco.

**CISHETEROPATRIARCADO:** Sistema sociopolítico, no qual a heterossexualidade cisgênera e o gênero masculino têm supremacia sobre os demais gêneros e sobre as outras orientações sexuais.

**DIASPORA:** Deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas.

**EMBRAQUECIMENTO/ EMBRAQUECER:** Tornar branco com conotação racial para aceitação social.

**EPISTEMICIDIO:** morte ao conhecimento, tentativa de silenciar, anular, subalternizar e invisibilizar saberes não-hegemônicos.

**EUROCENTRICO:** centralizado na Europa e/ou nos europeus; que tende a interpretar o mundo segundo os valores do ocidente europeu

**FEMINICIDIO:** homicídio cometido contra mulheres que é motivado por violência doméstica ou discriminação de gênero.

**GELEDÉS:** Instituto da Mulher Negra é uma organização política brasileira de mulheres negras contra o racismo e sexismo.

**HETEROFOBIA:** é um neologismo que descreve o medo ou a hostilidade irracional em relação a heterossexualidade, implicando em preconceito ou aversão em relação a normas sociais heterossexuais.

**HIPERSEXUALIZAÇÃO:** é um fenômeno que consiste em atribuir caráter sexual a um comportamento ou a um produto, uso excessivo de estratégias centradas no corpo a fim de seduzir.

**QUILOMBO:** casa de proteção.

## APENDICE

Apêndice 1: Portfólio de ações N.E.G.R.R.A





## Apresentação

O Núcleo de Extensão em Gênero, Relações Raciais e Arte (NEGRRRA) Tereza de Benguela parte da junção do coletivo Negritude, formado por estudantes e pesquisadores da UFSCar Sorocaba e pesquisadores e estudantes do curso de Psicologia da Unip Sorocaba, além de outros membros da comunidade negra. Busca a vivência através de atividades que englobem a temática de relações raciais e arte dentro e fora do espaço universitário com o intuito de desconstrução de valores sociais. Promovendo o empoderamento do Negro e através de uma transformação social tornar a Universidade e o município de Sorocaba mais inclusivo, através de debates, palestras, intervenções artísticas, entre outros, dentro e fora do ambiente universitário. Priorizando o Histórico Brasileiro, Ética, Cultura, Inclusão, Educação, Resistência.

A necessidade de afrobetizar, surge da invisibilidade, da problematização do/a negro/a e a identidade dentro e fora do meio acadêmico. Saber da importância de trazer as ações afrobrasileiras para junto do meio universitário é corroborar para que tenhamos profissionais que possam atuar conscientes da construção do país e da participação dos povos africanos.

Afrobetização é conhecimento, é empoderamento, é visibilidade!



**AFROBETIZAR crianças é promover um mundo melhor**



## Por que Tereza de Benguela?

"Rainha Tereza", como ficou conhecida em seu tempo, viveu no século XVIII no Vale do Guaporé, no Mato Grosso. Ela liderou o Quilombo de Quariterê após a morte de seu companheiro, José Piolho, morto por soldados. Sua liderança se destacou com a criação de uma espécie de Parlamento e de um sistema de defesa. Tereza sem dúvidas é um exemplo de luta e resistência.

Dentro e fora da universidade, mulheres negras enfrentam diversas dificuldades, onde ter representatividade de luta e de superação faz toda diferença. Vemos Tereza em cada mulher trabalhadora, por isso, nos honra e nos contempla.

(...)

"Que exemplo inspirador  
Que mulher tão imponente  
Foi Tereza de Benguela  
Uma deusa para a gente  
Que até hoje não desiste  
Dessa luta pertinente".

(...)

"Oh Tereza de Benguela!  
Nosso espelho ancestral  
Sua alma ainda vive  
E entre nós é maior  
Nós honramos sua luta  
Sua força atemporal!"

**Jarrid Arraes- Tereza de Benguela.**



AFROBETIZAR crianças é promover um mundo melhor





## EQUIPE



Da junção magnética entre jovens negros universitários, que compartilham dificuldades, anseios e sonhos nasce o N.E.G.R.R.A., a imagem acima retrata a primeira conquista do grupo, o espaço e visibilidade na universidade.

Da esquerda para direita:

**Rivaldo Junior**, 23 anos, graduando de Turismo

**Raisa Carvalho**, 23 anos, graduanda em Ciências Biológicas (licenciatura)

**Tuako Oliveira**, 23 anos, graduando em Ciências Econômicas

**Denise Teófilo**, 21 anos, graduanda em Ciências Econômicas

AFROBETIZAR crianças é promover um mundo melhor

The image features a bright yellow background with two horizontal bands of teal zigzag patterns. The top band consists of downward-pointing triangles, and the bottom band consists of upward-pointing triangles. In the center, the word "EVENTOS" is written in a large, bold, dark red font.

# **EVENTOS**

**Na Universidade**



# 1ª Semana da Consciência Negra UFSCar Sorocaba

-- de 24 à 27 de novembro de 2014 --

A realização da 1ª Semana da Consciência Negra na Universidade Federal de São Carlos - Sorocaba ocorreu dos dias 24 a 27 de novembro de 2014. Tal projeto teve como missão trazer um pouco da cultura negra para o espaço universitário através de palestras com a temática da Negritude: Identidade, Preconceito e Cultura Afro-brasileira, onde tivemos também oficina de turbante, rodas de capoeiras, teatro e festa temática trazendo pra vivencia universitária ritmos da herança africana como o Maracatu, Jongo, Rap, e discotecagem Afro-brasileira. Cujo principal objetivo foi a promoção de debates sobre as dificuldades enfrentadas pela Negritude no Brasil e no ambiente universitário, valorização da cultura, resgate de identidade e resistência negra dentro e fora da universidade



AFROBETIZAR crianças é promover um mundo melhor









Thais Cruz

26 anos

Graduada de Licenciatura em  
Ciências Biológicas



"Ver a universidade ganhando vida e potência de transformação é uma grata sensação e, claro, não poderia deixar de mencionar o quão empoderadora foi para mim particularmente a oficina que me lançou ainda mais profundamente no mundo dos turbantes e da estética negra em geral."



## Ocupação Afro

-- de 12 à 14 de maio de 2015 --

"Afrobetizar a Universidade, Afrobetização na UFSCar Sorocaba"

A "OcupaçãoAFRO" trouxe para a vivência universitária, rodas de conversa, debates, oficinas, intervenções e experiência que promoveram a Afrobetização na UFSCar.

A necessidade de afrobetizar, surge da invisibilidade, da problematização da negritude e a

identidade dentro e fora do meio acadêmico. Saber da importância de trazer as ações africanas e afrobrasileiras para junto do meio universitário é corroborar para que tenhamos profissionais que possam atuar conscientes da construção do país e da participação dos povos africanos.

Afrobetização é conhecimento, é empoderamento, é visibilidade!





**Camila Lima**

19 anos  
Graduanda em  
Ciências Biológicas



"É necessário **afrobetizar** o ambiente acadêmico, onde os negros ainda são minoria. Todo o conteúdo da programação que acompanhei serviram para fortalecer o meu conhecimento/identidade como mulher negra, e deram a oportunidade de outros alunos do campus se aproximarem das temáticas discutidas."



## Dia do Continente Africano

-- 25 de Maio de 2015 --

Em parceria com os estudantes intercambistas Africanos da Universidade Federal de São Carlos- Sorocaba, foi realizado uma roda de conversa, onde os estudantes trouxeram relatos sobre a cultura de seus países além de suas experiências e expectativas confrontadas com a realidade aqui no Brasil, debatendo questões de racismo dentro e fora do ambiente universitário.





**Erlete Santos**

22 anos  
Estudante Intercambista de  
São Tomé e Príncipe



" Foi uma honra poder participar do debate, falar da Africa num todo e do meu pais São Tomé e Príncipe, poder falar da minha cultura é gratificante. A África é muito mais do que fome e miséria."



**PARA ALÉM DA  
UNIVERSIDADE**



# Marcha das Mulheres Negras de Sorocaba

-- 15 de agosto de 2015 --

No aniversário de 361 anos de Sorocaba, o Núcleo da Marcha das Mulheres Negras fez seu primeiro ato nas ruas da cidade em parceria com o NEGRRA contou com a presença das mulheres negras mais lindas e poderosas que a cidade tem. A Marcha das Mulheres Negras se configura em um movimento político étnico racial e de gênero. No que tange a educação, vivemos um momento de grande luta pela aplicação da lei 10.639, que visa incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Para tanto é necessário barrar o Racismo Institucional impregnado, principalmente, no Sistema Educacional brasileiro, paulista e sorocabano.

Diante disso o Núcleo Impulsionador MMN – 2015 em parceria com o NEGRRA, tomou as ruas contra a Violência, o Racismo, pelo Bem viver e em prol de uma Educação Libertadora.



AFROBETIZAR crianças é promover um mundo melhor









## Arte digital para mídias sociais

-- Desde março de 2015 --

Das diversas habilidades dos integrantes do grupo, desenvolver artes digitais tem sido algo que fortalece a autonomia do N.E.G.R.R.A., visto que a comunicação na expoente internet se viraliza a cada dia. Manter a comunicação ativa e próxima com a comunidade envolvida e ao redor é extremamente importante para impactar um número maior de agentes e estreitar laços com quem ainda mantém distante.

Por isso, o N.E.G.R.R.A. articula entre coletivos com a temática afro-brasileira ou com membros afro-descendentes e africanos nas mídias sociais, desenvolvendo artes digitais para divulgação de ações, trabalhos e eventos.



AFROBETIZAR crianças é promover um mundo melhor

De 12 à 14 de maio na UFSCar

# OCUPAÇÃO AFRO

Afrobetizar a Universidade  
Afrobetização na UFSCar Sorocaba

# AFROBETIZAÇÃO

Capoeira de Angola



Treinos : 18h às 20h (seg, ter, qui)  
10h às 11h (qua e sexta)

#negritude #presença #visibilidade



# OCUPAÇÃO AFRO

Roda de Conversa:  
A **mulher negra** e os  
reflexos do Brasil de hoje



12/05/2015  
18h30  
Auditório

UFSCar - Sorocaba



#OcupaçãoAFRO #MulherNegra #NEGRRA

# REDUÇÃO

## NÃO É A SOLUÇÃO!

POR UM **BRASIL** QUE

**JUVENTUDE NEGRA SEJA**

**TAMBÉM JUVENTUDE VIVA!**



Apêndice 2: Portfolio de trabalho Adeola Princesas Guerreiras.

ADEOLA

Princesas e Guerreiras







## ΔΔΕΟΛΑ

Princesas e Guerreiras

Palavra de origem Yorubá, que significa "coroa de riquezas", simbolizada pelos turbantes e pelas honras ancestrais, Adeola nasceu de duas Princesas Guerreiras que falam de representatividade e protagonismo.

Aya, o adinkra ao lado, símbolo do povo Axante, significa resistência, força e perseverança, ícone forte para a trajetória e para o que querem estas duas mulheres negras.



## Nossa história

---

O Adeola - Princesas e Guerreiras, é um projeto que trabalha as questões étnico-raciais e de gênero. Desde 2015, em Sorocaba, interior de São Paulo, Denise Oliveira e Raísa Carvalho, trabalham provocando reflexões sobre a história do Brasil, em uma narrativa contada por duas Princesas Guerreiras, Kambo e Funji. A iniciativa que começou como performance cheia de representatividade e protagonismo para crianças, hoje também atua com conversas, oficinas e workshops para jovens e adultos.

Pensando na demanda e da necessidade de implementar de maneira eficiente e justa a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da cultura africana e afro-brasileira no desenvolvimento escolar, as ações propostas pelo Adeola, vem de encontro para uma sociedade antirracista, mais justa e equânime.

## O que nos motiva

---

Educação e cultura fomentam cenários transformadores, sociais e econômicos e, isso é fundamental para equidade étnico racial e de gênero, principalmente quando vemos o brilho no olhar e promovemos troca de saberes. Por isso, o Adeola colaborará com sua expertise e pesquisas para aprimorar instituições interessadas em colaborar na transformação do Brasil, em um processo que chamamos de afrobetização.

## Afrobetização

---

Prática de educação e comunicação que valoriza a história e o protagonismo das pessoas negras na construção do Brasil, pela perspectiva dos sujeitos afrodescendentes.







# Legado Adeola

---

Afrobetização de espaços de educação formais e não formais, para uma sociedade mais justa e humanizada.

Promover por meio desta prática, a execução da Lei 10.639/03, para desenvolver uma sociedade mais equânime, principalmente ao que tange às relações étnico raciais e de gênero, a desconstrução de estereótipos, utilizando da educação e da comunicação, em espaços para além da sala de aula.

## Nossos valores

---

- Afrobetização
- Representatividade
- Identidade
- Acolhimento/ Afeto
- Compromisso com a educação, com a infância e juventude
- Desconstrução de estereótipos e preconceitos
- Educação para as Relações Étnicos Raciais

## Performance

---

A performance é quando a magia acontece, as duas Princesas Guerreiras Funji e Kambo, viajam com seu brinco mágico, e contam para o público, sobre as histórias de seus ancestrais, sobre o berimbau e as aventuras que esse instrumento revela (arma das guerreiras bantu) e suas vestimentas, em especial seus turbantes, a coroa da ancestralidade que ao final, cada participante ganha um de presente, para se coroar e corar quem represente as possíveis realezas .

Fortalecendo um cenário onde as mulheres negras são protagonistas da construção da história da humanidade.

Cerca de 2 mil crianças e jovens, já encontraram as Princesas em suas escolas ou espaços culturais. Em uma conversa prática que acontece em 1 hora e meia.



## Oficinas

**Partilha do Adè:** Por meio da sensibilização do sujeito e práticas, compartilharemos os saberes e vivências de nossa coroa ancestral (Adè), queremos provocar reflexões e transformações nas práticas cotidianas, em um combate à estrutura racista que sutilmente interage, reage e mantém os estereótipos.

**Potência de capoeiristas como afrobetizadores:** Afrobetização é uma possibilidade pedagógica, inerente à capoeira, luta, arte e tradição afro-brasileira mantida pela oralidade e respeito ao seu fundamento, um momento de dar foco às guerreiras e guerreiros Bantu de hoje, pensando também na construção social do esporte.

**Viajando com as princesas:** Momento de além de ver, e escutar histórias de ancestrais das princesas guerreiras Funji e Kambo é hora de pintar e construir outras narrativas em qualquer tempo e espaço.





## Conversas

---

Um espaço para trocas de saberes e vivências, como ensinado por quem é griot, o saber coletivo gera transformações, por isso dialogar é tão potente.

### **Conversas já realizadas:**

#### **Guardiões da História**

Diversas são as manifestações culturais e de atos de resistência permeiam hoje pelas terras brasileiras, aqui é permitir conhecer as referências e as histórias de guardiãs e guardiões da história afro-brasileira e porque não, do Brasil.

#### **Abayomi " Encontro precioso"**

Diversas lendas rondam este símbolo, que remete à resistência e afetividade de mulheres negras na história do Brasil, o que permite de maneira lúdica trazer conceitos da história, geografia e matemática.



## Conversas

---

### **Turbante a coroa afrobrasileira**

Com a proposta de envolver o público na história da construção do Brasil, todas aprenderam a turbantar, a ação de coroar umas as outras, com diversas amarrações, conhecendo também os desdobramentos culturais e sociais deste símbolo.

### **Afrobetização**

Com a valorização da cultura africana e afro-brasileira, essa ação trabalha a beleza em ser negro, reforça a identidade, constrói o respeito quebrando estereótipos e preconceitos, fortalece positivamente através dos saberes as relações raciais na sociedade, potencializando a descoberta e a experimentação de valorização da nossa própria cultura.



## Contato

---

[facebook.com/princesasadeola](https://www.facebook.com/princesasadeola)

[instagram.com/princesasadeola](https://www.instagram.com/princesasadeola)

[princesasadeola@gmail.com](mailto:princesasadeola@gmail.com)